

Servidor exemplar frustrou ação criminosa

R\$ 16,5 milhões para

Bolsonaro: tráfico de

joias ou corrupção?

Reprodução



Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Divulgação



Engenheiros de SP: Privatização da Sabesp é uma ameaça à saúde pública

“A reestatização de serviços públicos, como transporte, energia, coleta de lixo e água, tornou-se tônica dominante ao redor do mundo, notadamente em países centrais do capitalismo, como EUA e Alemanha”, aponta, em artigo, o engenheiro Murilo Mendes, presidente do Sindicato dos Engenheiros no Estado de SP (SEESP) e da Federação Nacional dos Engenheiros (FNE). **Pág. 5**

“Ocidente oculta conclusões sobre explosão do Nord Stream, adverte general francês

O general Dominique Trinquand, ex-chefe da Missão Militar francesa nas Nações Unidas (ONU), advertiu, em entrevista ao canal francês LCI TV, que o Ocidente pode estar propositadamente suprimindo as conclusões das investigações sobre as explosões dos gasodutos russos Nord Stream. “O que acho surpreendente é que as investigações alemãs, suecas e dinamarquesas já coletaram muitas informações, contudo ainda não houve conclusões. Assim, pode-se supor que há conclusões que não querem tornar públicas”, assinalou Dominique Trinquand. **Pág. 7**

Três versões diferentes e oito tentativas de se apossar dos diamantes

A PF abrirá uma investigação sobre a tentativa do ex-presidente Bolsonaro e o seu entorno de introduzir clandestinamente no Brasil um conjunto de joias de ouro e diamantes recebidas do governo da Arábia Saudita, em valor estimado em R\$ 16,5 milhões. Muitas

perguntas estão sem resposta. Por que as joias estavam escondidas dentro de um cavalo? Por que as autoridades não foram informadas sobre as joias? Se foi “presente” pessoal, foi a título de quê? Houve alguma relação com a privatização de refinaria da Petrobrás a um grupo árabe? **Página 3**



ANO XXXIII - Nº 3.895 8 a 14 de Março de 2023



Política recessiva do juro alto derrubou indústria, alerta Fiesp

José Cruz - ABr



Lula critica ‘distribuição predatória’ de 215 bi em dividendos da Petrobrás

“A Petrobrás, ao invés de investir, resolveu agradecer os acionistas minoritários com R\$ 215 bilhões, tendo um lucro de R\$ 195 bilhões. E quan-

to foi o investimento? Quase nada”, denunciou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na quinta-feira (2), durante cerimônia de relançamento do

novo Programa Bolsa Família, no Palácio do Planalto. Lula afirmou advertiu que “a economia brasileira não cresceu nada o ano passado”. **Pág. 3**

Ao analisar o resultado do PIB, divulgado na quinta-feira (2/3) pelo IBGE, a Federação das Indústrias de SP (Fiesp) afirmou que a queda de 0,3% da indústria de transformação em 2022 foi “em consequência, sobretudo, dos efeitos causados pela política monetária contra-

cionista”. O economista-chefe da Fiesp, Igor Rocha, alertou sobre a necessidade urgente da “diminuição do custo do crédito a partir da redução da taxa básica de juros e adoção de políticas voltadas à redução do endividamento das empresas e famílias brasileiras”. **Pág. 2**

Brasil não aceita pressão dos EUA e mantém permissão a navios iranianos

O chefe da Assessoria Especial do presidente, ex-chanceler Celso Amorim, disse que “a decisão do Brasil de autorizar a atracagem

de dois navios iranianos ‘é soberana’ e consistente com o direito marítimo internacional e com a boa prática diplomática”. **Pág. 3**

PF identifica empresários golpistas que bancaram gastos do QG no DF

Investigação da Polícia Federal (PF) detectou a participação de empresários como financiadores da estrutura do acampamento golpista montado

na frente do quartel-general do Exército, em Brasília, que serviu como base para os atos golpistas, seguidos por depredação e roubo, dia 8 de janeiro. **Pág. 3**

CINEMULHER: programação especial no mês das mulheres

A partir do dia 10, o Cine-Teatro Denoy de Oliveira, da UMES de São Paulo, apresenta uma programação especial no mês das mulheres, como Clementina (foto), filme de Ana Ripper. **P. 4**



Divulgação

Servidores rejeitam 7,8% de reajuste: pode melhorar

Pág. 5



Foto: Geraldo Magela/Agência Senado

Paulo Cesar, ex-consultor legislativo Especialista apoia taxar exportação de óleo bruto e diz que Brasil é paraíso das petroleiras

“Em vez de taxar os lucros extraordinários, o Brasil promove lucros extraordinários”

O engenheiro aposentado da Petrobrás, Paulo César Ribeiro Lima, ex-consultor legislativo do Senado e da Câmara dos Deputados, defendeu nesta quinta-feira (3), em entrevista ao HP, a decisão do governo Lula de taxar a exportação de petróleo bruto. “A decisão é corretíssima, pois o Brasil é o ‘paraíso fiscal’ das petrolíferas”, disse ele.

“A arrecadação estatal no Brasil é baixíssima quando comparada à de países com reservatórios comparáveis aos do pré-sal. A vantagem da tributação da exportação do petróleo bruto é também gerar investimentos em refino. A segurança jurídica para se tributar essa exportação é absoluta. O Decreto-lei no 1.578/1978 garante ao Presidente da República o direito de reduzir ou aumentar a alíquota de 30%”, explicou o engenheiro.

O governo optou por incluir a taxa das exportações de petróleo bruto em uma Medida Provisória, com uma alíquota de 9,2% por um período de quatro meses. O objetivo do governo é arrecadar R\$ 6 bilhões com a medida e compensar as perdas provocadas pela não reoneração total da gasolina e do álcool. Na avaliação do especialista a decisão de cobrar o imposto através de uma MP “deve ser uma decisão política”, para que o país discuta o assunto.

“O setor de exploração e produção de petróleo do Brasil já conta com benefícios fiscais totalmente desnecessários. Em vez de taxar os lucros extraordinários, o Brasil promove lucros extraordinários. O Brasil está na contramão do mundo. A cobrança do imposto de exportação está longe de garantir uma arrecadação governamental compatível com os padrões internacionais”, acrescenta Paulo Cesar.

O ex-consultor parlamentar aponta que o setor do petróleo vem movimentando quantias enormes sem que o país se beneficie como poderia desses recursos. “O fluxo de caixa livre das petrolíferas, em 2022, foi da ordem de R\$ 400 bilhões. Boa parte desses recursos foram para acionistas estrangeiros. Assim, é fundamental o aumento da tributação no Brasil. Esse aumento pode ocorrer pela taxa da exportação do petróleo bruto, da renda, dos dividendos, etc”, afirmou Paulo César.

A Petrobrás informou nesta quarta-feira (1) que registrou lucro líquido de R\$ 188,3 bilhões em 2022, o maior da história da empresa. O resultado ficou 76,6% acima dos R\$ 106,668 bilhões em 2021, que até então era o maior já registrado. Praticamente todo o lucro da estatal foi distribuído aos acionistas, boa parte deles aplicadores na bolsa de Nova Iorque.

Uma das razões para este alto lucro é a política de preços que dolarizou a gasolina. Oficializada em outubro de 2016, a política de Preço de Paridade de Importação (PPI) calcula em dólar os custos de produção dos combustíveis no Brasil. A empresa produz 80% dos derivados de petróleo consumidos no Brasil. Mesmo com produção interna a custo baixo, a Petrobras repassa ao consumir preços internacionais e custos, como frete e taxas de importação, que são inexistentes.

Questionado sobre como essa medida poderia ajudar na decisão de mudar a política de preços da Petrobrás, que tem trazido muitos prejuízos ao país e aos consumidores brasileiros, Paulo César defendeu a criação de um fundo de estabilização dos preços, já que os brasileiros estão amargando preços abusivos nos combustíveis. “O aumento da tributação pode permitir a criação de um fundo para estabilização e redução dos preços dos combustíveis. O aumento da tributação das petrolíferas também pode reduzir os preços e os tributos pagos pelos consumidores”, argumentou.

Juros elevados podem impactar e colapsar o crédito, afirma Marconi



Foto: Reprodução/FGV

Marconi: a inflação brasileira é fundamentalmente uma inflação de custos

“Juros altos estão levando o Brasil a uma grave crise financeira”, diz José Oreiro

“Cada um ponto base de redução da taxa Selic gera uma redução em 12 meses na despesa com juros de R\$ 27 bilhões, que é o que o governo está querendo ganhar, por exemplo, com a reoneração dos preços dos combustíveis”, ressalta

“As elevadas taxas de juros podem estar levando o Brasil a uma crise financeira”, afirmou o economista José Luis Oreiro, professor da UnB, em entrevista ao HP. Oreiro destacou que as empresas brasileiras estão “aumentando o seu endividamento não para aumentar o investimento, mas para simplesmente pagar os juros da dívida que elas já têm”. Leia a seguir, a entrevista completa.

HORA DO POVO: As altas taxas de juros podem estar levando o país a uma crise financeira?

JOSÉ LUIS OREIRO: Sim. As elevadas taxas de juros podem estar levando o Brasil a uma crise financeira. Em matéria divulgada no Valor Econômico nessa semana foi demonstrado, acho que uma pesquisa feita pelo professor Carlos Rocca da USP, de que aproximadamente 15% das empresas brasileiras de capital aberto tinham um EBITDA* – rendimento antes dos juros, impostos, depreciação do capital e amortização da dívida -, que era insuficiente sequer para o pagamento dos juros que essas empresas devem sobre suas dívidas.

Então, isto é uma postura financeira que o economista keynesiano norte americano Hyman Minsky chamava de postura financeira Ponzi. Uma postura financeira Ponzi é aquela em que o fluxo de caixa da empresa não é suficiente sequer para pagamento de juros. Isso significa que as empresas que estão com esse tipo de posição financeira, elas estão aumentando o seu endividamento, não para aumentar o investimento, mas para simplesmente pagar os juros da dívida que ela já tem. Ou seja, é um endividamento do tipo bola de neve. Então, 15% é um número já bastante significativo.

Eu acredito que se não houver uma redução das taxas de juros, não só da taxa de juros Selic, mas principalmente das taxas de juros sobre o crédito bancário e sobre os papéis negociados no mercado de capitais, é possível sim a ocorrência de uma crise financeira. Não posso dizer com 100% de certeza, porque quem disser isso é mentiroso. Mas o que eu posso afirmar, com toda certeza, é que existem sinais concretos de fragilidade financeira minskyana na economia brasileira e que, portanto, é possível que essa fragilidade financeira em algum momento, devido às vezes a um evento que pode ser até de pouca monta, pode desencadear uma onda de falência em massas das empresas, principalmente, no setor de varejo.

HP: Além da fraude, a Americana pode ser sintoma dessa crise?

OREIRO: O caso das lojas Americanas, que é fraude ao que tudo indica até agora, mas ela não é uma fraude que veio do nada. Ela é uma fraude que na verdade foi feita para encobrir a fragilidade financeira das Lojas Americanas. Quer dizer, o que aconteceu, pelos dados que foram apresentados até agora, é que as Lojas Americanas vieram encurtando o prazo de maturidade do seu passivo e fizeram um jeito contabilmente criativo de esconder isso. Isso pode sim ser um sintoma de que algo similar está acontecendo com empresas do setor varejista, que são em-



Foto: Divulgação

Oreiro é economista e professor da UnB

presas que dependem muito do capital de giro e que, portanto, quando o Banco Central aumenta o custo do dinheiro, o custo do capital de giro fica muito alto para essas empresas e aí elas têm que acabar fazendo algum tipo de contabilidade criativa ou de instrumentos criativos de financiamento para poder sobreviver.

HP: A inflação no Brasil não é causada por um excesso de demanda, então por que a insistência do Banco Central em manter os juros mais altos do mundo?

OREIRO: A inflação não é de demanda, isso é bem claro. Mesmo a ideia de que o núcleo de inflação já mostraria que eu tenho uma inflação alta, que portanto isso não seria derivado dos choques de oferta no preço dos alimentos e de energia, acontece que existem mecanismos de contaminação do choque de oferta sobre os núcleos de inflação. Por outro lado, o que nós temos é uma insistência, não só do Banco Central, mas também do próprio Conselho Monetário Nacional – que se reuniu este ano, poucos dias atrás – de manter a meta de inflação inalterada para 2023 de 3,25% ao ano com uma margem de variação de 1,5.

Então, isso significa que a inflação máxima que o Banco Central pode aceitar para o ano de 2023 seria de 4,75%. O problema é que o Banco Central vem de dois anos consecutivos sem alcançar a meta de inflação, e esta meta de inflação, a cada ano, é mais baixa do que a do ano anterior. Isso acaba reduzindo o espaço para o Banco Central afrouxar a política monetária. Porque, veja bem, se no ano passado a meta de inflação, que era mais alta que este ano, o BC não cumpriu, então ele, a rigor, pelo protocolo do regime de metas de inflação, não tem como baixar a taxa de juros. Porque as expectativas de inflação estão em torno de 5,8% para o ano de 2023. Então, devido a insistência na manutenção de uma meta irrealista de inflação, o Banco Central cumprindo o seu mandato vai ter que manter a taxa de juros inalterada pelo tempo necessário até a inflação convergir ou dar amostras que está convergindo para um patamar que esteja dentro do intervalo de tolerância do regime de metas.

A solução para isso é o realismo. Ou seja, o Conselho Monetário Nacional, que é composto pelo ministro da Fazenda, pelo ministro do Planejamento e pelo presidente do Banco Central,

na sua próxima reunião ou a qualquer momento, já que ele pode se reunir em caráter extraordinário, tem que rever a meta de inflação de 2023 e 2024 para algo como 4% ao ano. Ele fazendo essa revisão, abriria espaço para o Banco Central reduzir os juros.

Os economistas liberais vão contra-argumentar dizendo: Ah! Mas se o Conselho Monetário Nacional aumentar a meta de inflação, isso vai contaminar as expectativas de inflação, que vai acabar levando a uma inflação mais alta. Bom, isso é uma grandiosíssima bobagem. Em primeiro lugar, porque o Banco Central não ganha credibilidade tentando atingir uma meta que é inalcançável. Parafraseando aquele filme, ou citando aquele famoso filme, ‘é uma ponte longe demais’. Então esse é o primeiro ponto.

O segundo ponto, quando você olha para os 23 anos do regime de metas no Brasil, a inflação média nesses 23 anos foi em torno de 6,5% ao ano. Então é óbvio que uma meta de inflação de 3,25% dado ao histórico do regime de metas de inflação no Brasil e dado que a inflação mundial está muito alta – você tem uma inflação na área do Euro em torno de 8% ao ano ou no acumulado dos últimos doze meses – isso é assim, evidente, que a meta de inflação está errada.

É melhor que o Conselho Monetário Nacional explicitie de maneira clara e transparente, como é exigido pelo regime de metas, que a inflação perseguida vai ser mais alta, porque não dá para alcançar 3,25, do que, como eu já vi o Luiz Fernando Figueiredo dizendo na entrevista para a Folha de São Paulo, que o Banco Central do Brasil está fazendo. Dizer que vai perseguir uma meta de 3,25%, mas na verdade ele está perseguindo uma meta de inflação mais alta. Quer dizer, isso é completamente contrário aos princípios de transparência do regime de metas de inflação.

Então, a melhor opção a ser feita neste momento é a revisão da meta de inflação para 2023/2024 para 4% ao ano, mantido intervalo de tolerância de 1,5% para mais ou para menos. Isso vai permitir uma redução de pelo menos uns 300 pontos base na taxa de juros Selic. Lembrando que cada um ponto base de redução da taxa Selic gera uma redução em 12 meses na despesa com juros de R\$ 27 bilhões, que é o que o governo está querendo ganhar, por exemplo, com a reoneração dos preços dos combustíveis.

ANTONIO ROSA

“A continuidade dessas taxas de juros pode travar totalmente o mercado de crédito. Isso pode provocar um prejuízo significativo para as empresas e para as famílias”, denunciou o economista e professor da FGV Nelson Marconi

O economista e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Nelson Marconi afirmou nesta quinta-feira (3), em entrevista ao HP, que a atual taxa de juros do Banco Central – maior taxa real do mundo – “tem um impacto significativo no mercado de crédito”. Segundo ele, isso pode provocar uma crise grave.

“A taxa de juros elevada, realmente ela tem um impacto significativo no mercado de crédito”, disse o economista, ao comentar a possibilidade do país estar à beira de uma crise de crédito. “Este impacto é tanto porque ele vai aumentando o crédito para quem capta recursos, como para quem já está endividado. De alguma forma a taxa de juros vai sendo corrigida – a taxa de juros pós-fixada – e ela também impacta o aumento das dívidas privadas”, acrescentou Marconi.

“Muitas vezes”, prosseguiu o especialista, “as empresas e as próprias pessoas físicas, elas têm que rolar a dívida e, quando elas vão rolando a dívida, essa taxa de juros que se cobra sobre essa dívida é cada vez mais alta”. “Então, isso realmente pode ter um impacto forte sobre o mercado de crédito”, sentenciou o professor da FGV.

“A manutenção dessas taxas de juros mais altas agrava a situação da população brasileira que já está endividada, das empresas brasileiras, que já estão muito endividadas e, quando o Banco Central pratica uma política como essa de juros elevados por muito tempo, isso pode logicamente provocar um prejuízo significativo para as empresas e para as próprias famílias”, denunciou o economista.

Ele chamou a atenção para o risco de um colapso. “Então, a continuidade dessas taxas de juros pode travar totalmente o mercado de crédito. E pode aumentar o número de endividados e o número de empresas que podem quebrar. Isso logicamente é um sinal muito ruim para a economia”, alertou.

Nelson Marconi falou também da crise na Americanas. Ele disse que a situação geral e os juros altos podem ter agravado a situação da empresa, mas destaca que o que mas chama a atenção é o aspecto da fraude. “O caso da Americanas, ele já vem acontecendo há muito tempo me parece. Toda essa provisão que é feita no balanço dos bancos e tudo o mais de forma, foi feito errada. Então, não é uma coisa que é de hoje”, observou.

FRAUDE NA AMERICANA

“Agora, é lógico que nós não praticamos juros baixo de hoje. Me parece que é uma combinação de uma fraude com, logicamente, um agravamento causado pelo fato de nós termos juros mais altos”, disse Marconi. “Me parece muito mais sinal de fraude, porque outras empresas do ramo não usaram a mesma estratégia e não estão numa situação tão difícil como das Lojas Americanas”, afirmou. “Me parece então que a explicação é mais por uma tentativa de fraude

mesmo. Pelo uso do mecanismo que seria indevido na apresentação dos balanços e nos lançamentos contábeis”, acrescentou.

Nelson Marconi criticou fortemente a política de juros do Banco Central. “Realmente a inflação brasileira ela é fundamentalmente uma inflação de custos e uma inflação causada pela política de preços dos combustíveis, que afeta de forma disseminada todos os outros preços da economia”, disse ele, contestando as alegações do BC para manter os juros altos.

O economista lembrou também a “falta de estoques reguladores de alimentos que logicamente poderiam atenuar essas oscilações muito grandes nos preços das commodities internacionais, principalmente aquelas relacionadas aos alimentos”. “Se tivéssemos estoques reguladores, os reflexos dessas oscilações sobre a inflação seriam muito melhores. Teriam efeitos que poderiam arrefecer o impacto sobre os preços, tanto dos alimentos brutos como das commodities, como dos alimentos industrializados, derivados dessas commodities”, explicou.

INFLAÇÃO DOS COMBUSTÍVEIS

Para Marconi as variações nos preços dos combustíveis foram decisivas na elevação da inflação no Brasil. “A gente vê a inflação brasileira, desde o ano passado, com essas oscilações para cima e para baixo, muito em função dos preços dos combustíveis”, disse o economista, que repetiu que “não é uma inflação de demanda, ainda que a taxa de desemprego tenha caído no ano passado”.

Ele observou que “existe um pequeno componente de demanda sim sobre os serviços, sobre os preços dos serviços, mas ela não é fundamentalmente uma inflação de demanda”, enfatizou. “Então, não existe uma demanda tão aquecida que justifique uma taxa de juros como essa, que é taxa de juros real mais alta do mundo”, afirmou Marconi. “Não tem lógica nenhuma. Não temos uma inflação de demanda significativa para justificar isso. Nós não temos uma situação fiscal desesperadora, que todo mundo esteja querendo tirar dinheiro do país para ter uma taxa de juros tão alta”.

“Enfim, do ponto de vista macroeconômico, nada justifica isso. O que me parece justificar essa taxa de juros alta é, no fundo, uma política que já vem sendo praticada há muito tempo no Brasil, onde tem o mercado financeiro muito concentrado tentando jogar sempre com esse argumento que a inflação é de demanda, que a situação fiscal está ruim, mostrando as suas previsões pessimistas em relação ao futuro dos preços e do quadro fiscal para tentar manter a taxa de juros num patamar alto”, alertou.

“Existe, portanto”, na opinião do professor de Economia da FGV, “uma pressão política do setor financeiro muito forte para manter essa taxa de juros elevada. Do ponto de vista macroeconômico não há nada que justifique a taxa nesse patamar”.

Fiesp: queda da indústria de transformação em 2002 foi consequência dos juros altos

Efeitos das altas taxas do BC sobre o resultado da indústria no PIB também foram destacados pelo Iedi e pela Abimaq

Com os juros altos inibindo o consumo de bens e os investimentos no país, a economia brasileira caiu -0,2% no 4º trimestre de 2022 na comparação com o trimestre anterior. No mesmo período, o PIB da Indústria de Transformação reduziu 0,3%. Ao analisar o resultado do PIB, divulgado na quinta-feira (2/3) pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) afirmou que a queda de 0,3% da indústria de transformação em 2022 foi “em consequência, sobretudo, dos efeitos causados pela política monetária contracionista” (<https://horadopovo.com.br/iedi-juros-altos-provocam-queda-de-investimento-e-desaceleracao-no-pib-foi-consequencia-dos-juros-elevados-aponta-fiesp/>).

O economista-chefe da Fiesp, Igor Rocha, alerta sobre a necessidade urgente da “diminuição do custo do crédito a partir da redução da taxa básica de juros e adoção de políticas voltadas à redução do endividamento das empresas e famílias brasileiras”.

Para o Iedi (Instituto de Estu-

dos para o Desenvolvimento Industrial), “aquele que deveria ser o principal motor do crescimento do país, o investimento, que além de demanda também introduz a necessária modernização na estrutura produtiva do país, quase não cresceu. No ano como um todo, registrou variação de apenas +0,9%; muito disso, como aponta o próprio IBGE, por conta da alta na construção” (<https://horadopovo.com.br/iedi-juros-altos-provocam-queda-de-investimento-e-desaceleracao-no-retrocesso-industrial/>).

Em 2022, a taxa de investimento encerrou em 18,8%.

“Todos os economistas, de qualquer linha de pensamento, reconhecem hoje que a taxa de investimento precisa se aproximar de 25% na participação do PIB para que o país tenha condições de crescer a 4% ou 5% ao ano”, afirmou José Velloso, presidente-executivo da Abimaq, entidade do setor de máquinas e equipamentos. (<https://horadopovo.com.br/abimaq-queda-na-taxa-de-investimento-no-pib-foi-causada-pelos-juros-elevados/>)

Escreva para o HP
horadopovo@horadopovo.com.br

HORA DO POVO
é uma publicação do
Instituto Nacional de
Comunicação 24 de agosto
Rua José Getúlio, 67, Cj. 21
Liberdade - CEP: 01509-001
São Paulo-SP
E-mail: inc24agosto@uol.com.br
C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000
Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBSC - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hrj@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barros/Passagem Ana Deusa, 140 Curio-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



Lula no lançamento do Bolsa Família Lula critica ‘distribuição predatória’ e insana de dividendos da Petrobrás

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou, nesta quinta-feira (2), que “a economia brasileira não cresceu nada, nada o ano passado”. “Então, o desafio que nós temos agora é fazer a economia voltar a crescer. E nós temos que fazer investimento. Não permitir que nenhuma obra continue paralisada neste país”, prosseguiu.

INVESTIR NO CRESCIMENTO

Lula discursou durante cerimônia de relançamento do novo Programa Bolsa Família, no Palácio do Planalto. “Tem que vir uma política de crescimento econômico, de geração de empregos e de transferência de renda através do salário que é o que importa para o trabalhador”, defendeu o presidente.

“Só vai gerar empregos se a economia crescer, e a economia, para crescer, precisa, primeiro, que haja investimento privado. Se não houver, que haja investimento público. Não é que a gente quer que o Estado faça as coisas que o privado tem que fazer, mas se o governo federal não investir dinheiro como indutor do desenvolvimento, nada vai acontecer. A Caixa Econômica, o Banco do Brasil, o BNB, o Basa, o BNDES, podem ter certeza, vão voltar a investir dinheiro para gerar emprego, desenvolvimento e distribuição de renda efetiva para este país”, completou.

“Só vai gerar empregos se a economia crescer, e a economia, para crescer, precisa, primeiro, que haja investimento privado. Se não houver, que haja investimento público”

Ele prometeu que o Estado será o indutor do crescimento do país se os investimentos privados não forem suficientes. “O Bolsa Família é um pedaço. Junto com isso tem que vir uma política de crescimento econômico, de geração de empregos e de geração de renda através do salário. No último trimestre do ano passado o país não cresceu nada. Nosso desafio é fazer o Brasil voltar a crescer, não permitir que nenhuma obra continue paralisada nesse país.

DIVIDENDOS PREDATÓRIOS

O mandatário também criticou a distribuição de dividendos da Petrobras. Ele disse que ela é “predatória”, referindo-se ao ‘megadividendo’ prometido pela empresa a seus acionistas privados, no valor de R\$ 215,7 bilhões, referente a 2022.

“Não podemos aceitar a ideia da notícia de hoje. A Petrobrás entregou em dividendos mais de R\$ 215 bilhões, quando ela deveria ter investido metade no crescimento econômico desse país, na indústria brasileira, na indústria naval. A Petrobrás, ao invés de investir, resolveu agradecer os acionistas minoritários com R\$ 215 bilhões, tendo um lucro de R\$ 195 bilhões. E quanto foi o investimento? Quase nada”, denunciou.

“A Petrobrás, que no nosso tempo era uma empresa de desenvolvimento desse país, agora é uma empresa exportadora de óleo cru. Não foi para isso que nós descobrimos o pré-sal”

“A Petrobrás, que no nosso tempo era uma empresa de desenvolvimento desse país, agora é uma empresa exportadora de óleo cru. Não foi para isso que nós descobrimos o pré-sal. O pré-sal era para que a gente tivesse um passaporte para o futuro do nosso povo e para que a gente exportasse derivado de petróleo, e não óleo cru, como estamos exportando”, prosseguiu. O presidente defendeu que “as empresas brasileiras, os bancos brasileiros, têm que pensar primeiro nesse país, para depois pensar nos seus lucros ou pensar nos seus acionistas”.

“A Petrobras, ao invés de investir, ela resolveu agradecer os acionistas minoritários com R\$ 215 bilhões. Teve um lucro de R\$ 195 bilhões. E quanto foi o investimento da Petrobras? Quase nada. Porque a Petrobras, que no nosso tempo era uma empresa de desenvolvimento do nosso país, agora é uma empresa exportadora de óleo cru. Não foi para isso que nós descobrimos o pré-sal”, sustentou o presidente.

Governo Lula não aceita as pressões dos EUA e mantém decisão sobre navios iranianos

O Departamento de Estado dos EUA segue fazendo ameaças ao Brasil pelo fato do governo brasileiro ter soberanamente autorizado a atracagem de dois navios iranianos para abastecimento no porto do Rio de Janeiro.

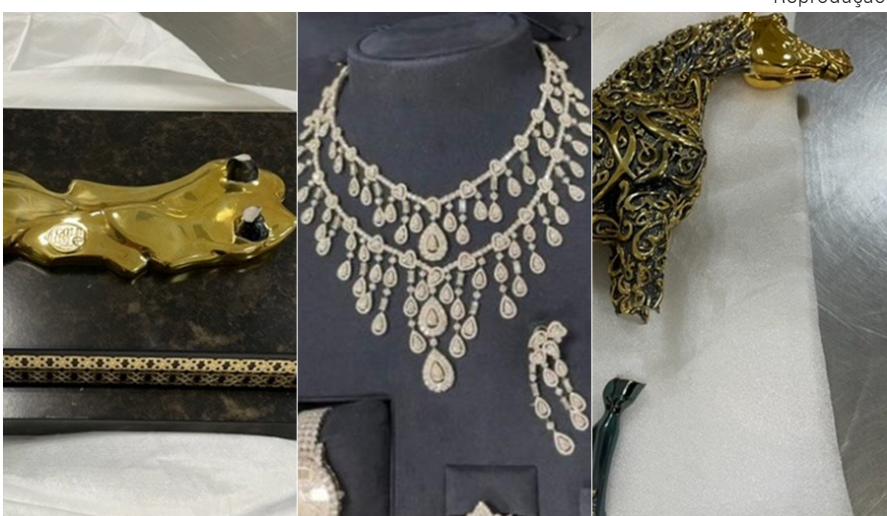
O porta-voz do Departamento de Estado americano ainda tentou arrastar o Brasil para os conflitos criados pela desesperada necessidade dos EUA de manter o seu hegemonismo decadente, ao tentar colocar o Brasil contra o Irã.

Ele afirmou que Brasil, com esta atitude, estaria ‘hospedando embarcações de um regime que fornece armas para a Rússia usar contra a Ucrânia’. O presidente Lula tem se manifestado numa posição de neutralidade nesta guerra provocada pela expansão da OTAN no leste da Europa.

De forma cínica, o governo do país que mais reprimiu o seu povo, particularmente os negros e índios, mas também os hispânicos, inventou que os navios não poderiam entrar no porto do Rio de Janeiro porque o regime iraniano é “mau” com o seu povo. Consideram que a CIA tem o direito de julgar se o governo do Irã é mau ou não, bem como os donos das petroleiras que foram expulsas do Irã e os falcões da guerra do Pentágono.

A reação do governo brasileiro foi imediata. O chefe da Assessoria Especial do presidente Lula, ex-chanceler Celso Amorim, disse que decisão do Brasil ‘é soberana’. O ex-chanceler destacou que governo brasileiro aceitou receber as embarcações mesmo contrariando os EUA porque a atitude é ‘consistente com o direito marítimo internacional e com a boa prática diplomática’.

Por que o governo de Jair escondeu joias na mochila?



Joias são avaliadas em R\$ 16,5 milhões e governo Bolsonaro não declarou

Bolsonaro: três versões diferentes e oito tentativas de se apossar das joias sauditas

Jair Bolsonaro e o entorno de seu desgoverno, pelas últimas informações sobre o caso das joias apreendidas pela Receita Federal, parecem que não tinham o que fazer pelo número de tentativas de se apossar do valioso e suspeito presente do governo da Arábia Saudita avaliado em 3 milhões de euros, ou seja, R\$ 16,5 milhões, e retidos no Aeroporto de Guarulhos (SP) ainda em novembro 2021.

A apreensão envolveu um conjunto de peças de diamantes, incluindo colar, um par de brincos, anel e relógio.

Pois bem, Bolsonaro e alguns de seus auxiliares mais próximos passaram o último ano de seu desastroso governo tentando recuperar presentes que seriam endereçados à então primeira-dama, Michele Bolsonaro, ou, na versão duvidosa do ex-ministro das Minas e Energia, Bento Albuquerque, ao Estado brasileiro.

Ao todo, foram 8 as tentativas de recuperar as joias apreendidas na mochila de um assessor do ex-ministro, quando foram mobilizados os ministérios de Minas e Energia, da Economia e das Relações Exteriores, além do Palácio do Planalto e a Receita Federal.

O plano para incorporar os “presentes” ao patrimônio pessoal de Jair Bolsonaro e de sua esposa foi frustrado pela resistência e profissionalismo dos servidores da Receita.

O órgão, por meio de nota, neste sábado (4),

reiterou que a incorporação ao patrimônio público, no caso dos presentes serem destinados ao Estado brasileiro, exige pedido de autoridade competente, com justificativa da necessidade e adequação da medida, como, por exemplo, a destinação de joias de valor cultural e histórico relevante, que possam ser enviadas para um museu.

“Não cabe incorporação de bem por interesse pessoal de quem quer que seja, apenas em caso de efetivo interesse público”, informou a instituição, explicitando novamente que o governo não apresentou pedido para que as joias fossem tratadas como bem da União.

É simples de entender o fato de não ter sido apresentado o pedido oficial. O intento de Bolsonaro era incorporar ao seu patrimônio pessoal as joias daquele que ele considerou “quase irmão”, o príncipe da Arábia Saudita, Moahmmmed bin Salman – monarca reconhecido pela sua extensa folha corrida de violação dos direitos humanos, com quem esteve em outubro de 2019, em Riad, na conferência conhecida como “Davos no Deserto”.

Como a opção foi considerar os presentes como pessoais, os bens deveriam entrar no Brasil pela alfândega e seus donos deveriam pagar as taxas exigidas pela legislação. Essas taxas equivalem a 50% do valor estimado do item, além de uma multa de 25% pela tentativa

de entrar no país de forma ilegal. No caso, a retirada formal e correta das joias apreendidas, estimadas em R\$ 16,5 milhões, custaria R\$ 12,3 milhões.

A lei determina que, para entrar no país com mercadorias acima de US\$ 1 mil, o passageiro precisa pagar imposto de importação equivalente a 50% do valor do produto; quando o passageiro omite o item — como foi o caso do assessor do governo — tem que pagar ainda uma multa adicional de 25% do valor. Ou seja, se quisesse reaver as joias, Bolsonaro teria que pagar cerca de R\$ 12 milhões, o que, obviamente, se recusou a fazer, preferindo mobilizar parte de seu governo para se apossar do valioso presente.

OITO TENTATIVAS

A primeira tentativa de recuperar as joias foi em novembro de 2021. O Ministério de Minas e Energia acionou, em 3 de novembro daquele ano, o Itamaraty para reforçar a pressão sobre a Receita e pediu “providências necessárias para liberação dos bens retidos”. A solicitação foi negada pela Receita.

O comando da Receita Federal à época também pressionou pela liberação das joias, mas os servidores do órgão, novamente, impediram, por se tratar de uma operação ilegal.

Segundo o jornal “Estado de S. Paulo”, o Ministério da Economia chegou a ser acionado e as tentativas continuaram até o final de 2022.

MC

PF identifica empresários golpistas que bancaram gastos de acampamento-DF

Investigação da Polícia Federal (PF) detectou a participação de empresários como financiadores da estrutura do acampamento golpista montado na frente do quartel-general do Exército, em Brasília, que serviu como base para os atos golpistas, seguidos por depredação e roubo, dia 8 de janeiro.

Nos últimos meses, a PF levantou informações sobre os gastos do acampamento e obteve cópias de contratos para descobrir os responsáveis pelo pagamento de toda a estrutura oferecida para acolitar os apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

A preparação da tentativa de golpe de Estado, pelos bolsonaristas, começou com a montagem do acampamento no QG do Exército logo após o segundo turno da eleição presidencial, em 30 de outubro.

A Procuradoria-

-Geral da República (PGR) aponta que os terroristas formaram “associação criminosa que insuflava as Forças Armadas à tomada do poder”, o que é inconstitucional, portanto, ilegal.

CINCO EMPRESAS

São cinco empresários que pagaram estruturas de alimentação, banheiros químicos e atendimento médico. Eles são de Goiás, Amapá, Minas Gerais e Distrito Federal.

Empresária de Goiânia, que pagava R\$ 6.600 por semana por banheiros químicos, interrompeu contatos com o grupo após as primeiras prisões. A PF está em processo de quebra dos sigilos bancários de dezenas de pessoas que apareceram como contratantes de ônibus. O objetivo é saber se há financiadores ocultos.

CONTEXTO

De acordo com ba-

laço mais recente realizado pela PGR, na última quarta-feira (1º de março), 689 participantes do acampamento foram denunciados pelo delito de incitação ao crime, com pena prevista de detenção de 3 a 6 meses.

Outras 222 pessoas estão sendo processadas por atos de destruição durante a invasão da Praça dos Três Poderes, em 8 de janeiro.

O ministro Alexandre de Moraes, relator da investigação no Supremo Tribunal Federal, determinou que a PF apurasse os financiadores da estrutura do acampamento, composta por tendas, banheiros químicos, barracas de alimentação gratuita e pontos de carregamento de celular, dentre outros itens.

Por esta razão, a PF passou a rastrear os fornecedores dos serviços.

M. V.

Por que elas estavam escondidas dentro de um cavalo? Por que ele não informou as autoridades sobre as joias? Por que não as registrou como presentes? Por que mandou o funcionário do Planalto pressionar o fiscal para liberar as joias? São todas perguntas que precisam ser respondidas

O ministro da Justiça Flávio Dino determinou no último fim de semana que a Polícia Federal abra uma investigação sobre a tentativa do ex-presidente Jair Bolsonaro e o seu entorno de introduzir clandestinamente no Brasil um conjunto de joias de ouro e diamantes recebidas do governo da Arábia Saudita e que têm um valor calculado em aproximadamente R\$ 16,5 milhões.

CRIMES

No ofício ao diretor-geral da PF, o delegado Andrei Augusto Passos Rodrigues, o ministro afirma que, “da forma como se apresentam”, os fatos divulgados pela imprensa “podem configurar crimes contra a administração Pública”.

São várias as perguntas que deverão ser feitas aos envolvidos neste crime. A primeira é o motivo das joias estarem escondidas dentro de uma escultura de um cavalo, no fundo da mochila de Marcos André dos Santos Soeiro, um assessor do ministro da Minas e Energia, Bento Albuquerque?

Depois, a polícia quer saber por que as joias não foram declaradas, nem como presente pessoal do monarca da Arábia Saudita à primeira-dama e nem como presente institucional ao governo brasileiro? Até agora, o fato não foi explicado.

Quando foi pego na alfândega com as joias na mala, o assessor ligou para o seu chefe, o então ministro das Minas e Energia, Bento Albuquerque, que havia desembarcado antes e acabara de fechar negócio para vender a refinaria Landulpho Alves, na Bahia, para os árabes por R\$ 10 bilhões quando ela valia R\$ 20 bilhões.

Ao retornar e entrar esbaforido no aeroporto, o ministro deu uma carteirada no funcionário responsável pela apreensão. Queria liberar na marra as joias que foram apreendidas. Não deu certo. Ele não conseguiu explicar por que as joias não haviam sido informadas às autoridades? Primeira pergunta nesse caso, por que não informaram?

POR QUE NÃO REGISTROU?

Segunda pergunta. Ao ser comunicado que as joias tinham sido apreendidas porque estavam irregulares, o ministro abriu o jogo e confessou que as joias tinham sido um “presente” do governo árabe para a primeira-dama Michelle Bolsonaro. Chegou a dizer que era um presente oficial.

Pois bem, o funcionário, então, explicou ao ministro que as joias foram encontradas escondidas dentro de um cavalo no fundo uma mochila e não foram registradas nem como presente pessoal e nem como presente oficial. O aliado de Bolsonaro insistiu que eram presentes. O funcionário então orientou novamente o ministro a registrar os produtos como tal. Bento Albuquerque se recusou a fazê-lo. Essa é mais uma pergunta. Por que ele fez isso?

Michelle Bolsonaro, e depois o próprio Jair Bolsonaro, disseram que nem sabiam dos presentes. Se eles não sabiam, então por que Bolsonaro mandou, no dia 29 de dezembro do ano passado, ou seja, três dias antes de sair do governo, um integrante da Ajudância de Ordem da Presidência, Jairo Moreira da Silva, sargento do Exército, a Guarulhos, em São Paulo, pressionar os agentes da Receita Federal para liberar os itens? Isso depois do Planalto já ter acionado a cúpula da Receita, a Fazenda e o Itamaraty para tentar liberar as joias.

São coisas que precisam ser esclarecidas. Por exemplo, por que Bolsonaro presenteou o seu chefe da Receita Federal, Julio Cesar Vieira Gomes, depois que ele saiu do cargo? Júlio Cesar havia pressionado, a mando do Planalto, o funcionário de carreira da Receita que apreendeu as joias e depois foi presenteado com um cargo na embaixada do Brasil na França. Por que ele fez isso?

É verdade que o funcionário da Receita não cedeu à chantagem do “chefe” e a nomeação do

“pau-mandado” para o cargo na França acabou sendo revertida pelo novo governo, mas, como explicar essa nomeação de Julio Cesar Vieira? Só pode ter sido agradecimento pela pressão indevida que ele fez sobre seu funcionário para liberar as joias de Bolsonaro que entraram ilegalmente no Brasil.

SE FOSSEM OFICIAIS

Se eram presente oficiais, as joias deveriam ir para o acervo público da Presidência. Para isso era necessário que as autoridades informassem oficialmente a Receita Federal. Isso não foi feito. Bolsonaro diz, agora, que mandou os funcionários fazerem pressão porque queria liberar as joias para depois decidir se eram pessoais ou oficiais. Isso é completamente ilegal. Um crime contra a administração pública.

Para entrar legalmente no país, a característica das joias – se presente oficial ou pessoal – já tinha que ser informada antes às autoridades. Aí voltamos a perguntar: por que nem Bolsonaro e nem seu ministro informaram oficialmente as autoridades sobre os “presentes” milionários?

Eles decidiram introduzir as joias nos fundos de uma mochila e, pior, escondidas dentro de uma escultura de um cavalo. Quais eram as intenções de Bolsonaro ao esconder as joias desse jeito? Essa é a pergunta que não quer calar.

Ele [Bolsonaro] repetiu várias vezes, durante seu desgoverno, que sempre que podia, sonegava impostos. Ele fazia isso já desde seus tempos de deputado e das rachadinhas que praticava em seu gabinete.

Portanto, não é de se estranhar ter sido essa a forma que ele encontrou para empalmar as joias milionárias dos árabes. Ele queria ficar com as joias, mas sem pagar os impostos e taxas que a lei determina.

Para entrar no país com qualquer mercadoria acima de R\$ 1 mil, todo passageiro precisa pagar imposto de importação equivalente a 50% do valor do produto. Quando o passageiro omite o item – como foi o caso do assessor do governo – tem que pagar ainda uma multa adicional de 25% do valor.

SE APODERAR DAS JOIAS

Tanto a intenção era se apropriar ilegalmente das joias que Jair Bolsonaro admitiu que não tinha como pagar as taxas de alfândega para liberá-las. Por isso, ele não quis que o ministro Bento Albuquerque registrasse as joias como presentes oficiais na primeira abordagem no aeroporto. Pois, nesse caso, ele não poderia açambarcá-las.

Como o escândalo veio a público numa denúncia do Estadão e graças ao comportamento firme e corajoso de um servidor de carreira da Receita Federal, Bolsonaro foi pego com a boca na botija e, agora, desconversa, dizendo que as joias iriam para o acervo oficial. Se fosse verdade, por que ele não as registrou como presentes oficiais?

São tantas as irregularidades constatadas neste episódio e tantas as perguntas que a PF terá que fazer aos envolvidos, que Bolsonaro já está preocupado com as repercussões nos inquéritos que já responde. Não é à toa que ele está há mais de dois meses “escondido” nos Estados Unidos e não vem para o Brasil.

Ele terá que responder muita coisa – da tentativa de golpe à essa trama frustrada de acoitar diamantes e ouro dentro de um cavalo e usar um militar como “mula” para tentar contrabandear as joias para o Brasil.

O desgaste é tão grande que já há informações de que até o presidente da PL, Waldemar da Costa Neto, aliado fiel do bolsonarismo, já estaria dando desculpas para se afastar do ex-presidente evitando ser atingido pelo escândalo da mumba milionária apreendida. Até porque, Waldemar já tem problemas demais para enfrentar, tanto na seara da tentativa frustrada de golpe de Estado de Bolsonaro & Cia, como em escândalos de corrupção, onde, tanto ele quanto Bolsonaro, são experts.

SÉRGIO CRUZ

Cientistas homenageiam Luiz Pinguelli e sua luta pelo desenvolvimento nacional

“Muito além de sua contribuição científica, que é imensurável, atuou pelo fortalecimento e soberania da ciência nacional”, destacou a ministra Luciana Santos

Na última sexta-feira (3), a Academia Brasileira de Ciências (ABC), sediou um importante encontro em homenagem ao legado de Luiz Pinguelli Rosa, além da discussão sobre o presente e o futuro da ciência brasileira.

Quatro Academias nacionais, sediadas no Rio de Janeiro, como a própria ABC, Academia Nacional de Medicina (ANM), Academia Nacional de Engenharia (ANE) e Academia Brasileira de Letras (ABL), se reuniram com ministra da ciência e tecnologia, Luciana Santos, para celebrar o legado de Pinguelli e discutir os muitos desafios da ciência nacional.

Com um auditório superlotado, também participaram do evento a presidente da ABC, Helena Nader, o presidente da ANE, Francis Bogossian, o presidente da ANM, Francisco José Sampaio e o historiador José Murilo de Carvalho, representante da ABL. Luciana estava acompanhada do secretário-executivo do MCTI, Luís Fernandes.

O encontro marcou o lançamento oficial do site sobre Luiz Pinguelli, projeto apoiado por um grupo de entidades e por amigos e familiares do professor. Durante a homenagem foi enaltecida a trajetória de lutas do pesquisador, desde sua defesa irrestrita da democracia durante o golpe militar de 64, o que o levou a ser preso pela ditadura, até suas contribuições mais recentes na luta contra as mudanças climáticas e sua defesa perene da ciência e do ensino público.

Físico nuclear e referência em política energética, Luiz Pinguelli Rosa foi um dos mais conhecidos pesquisadores do país. Professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi eleito cinco vezes diretor da Coppe/UFRJ e ocupou a presidência da Eletrobras. “Pinguelli foi um grande cientista, um grande gestor e um grande brasileiro, que contribuiu imensamente para nossa ciência e para formar as gerações futuras”, sintetizou a presidente da ABC.

A ministra Luciana Santos destacou a trajetória política do cientista e suas muitas bandeiras. Além da defesa da democracia e da ciência, Pinguelli atuou na luta pelo desarmamento nuclear e foi um dos primeiros a perceber o imperativo da transição energética num cenário de mudanças climáticas. “Pinguelli era pura energia”, brincou Luciana.

“Muito além de sua contribuição científica, que é imensurável, ele atuou pelo fortalecimento e a soberania da ciência nacional. Como poucos, soube transitar com a mesma liderança pelas áreas de exatas e humanidades”, finalizou a ministra.

A presidente da ABC, Helena

Nader, listou uma série de pontos caros aos cientistas nacionais, como a liberação total do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), a recomposição da Comissão de Ciência, Tecnologia e Inovação (CCT), o fortalecimento e integração dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs) e a recomposição total no valor das bolsas de graduação e pós.

O presidente da ANM, Francisco Sampaio, reforçou o compromisso das entidades de colaborar e cobrar o governo, e pediu atenção especial para as bolsas de Iniciação Científica. “São a melhor forma de formar novos e excelentes cientistas”, disse. Já o presidente da ANE, Francis Bogossian, reforçou a mensagem de união entre as entidades e pediu a retomada do investimento público. “Só com a retomada do desenvolvimento vamos criar empregos para a mão de obra não-especializada”, afirmou.

José Murilo de Carvalho da ABL levantou um questionamento: “O que fizemos do Brasil em 200 anos desde a Independência?”. Ao discorrer sobre os inúmeros desafios sociais do país, o Acadêmico classificou como “vergonhosos” os números da miséria e desigualdade brasileira. “A ciência só faz sentido se voltada para o bem-estar da sociedade”, concluiu.

Além do FNDCT, a ministra também se comprometeu a pausar a retomada dos concursos públicos para os INCTs, que estão há 10 anos sem renovação de pessoal; o desenvolvimento de uma nova Estratégia Nacional para CT&I com base nas contribuições da comunidade científica e a reestruturação dos diversos conselhos que foram enfraquecidos e emparelhados durante o governo anterior.

Quanto às políticas e programas para incentivo e permanência de mulheres na carreira científica, a ministra afirmou que estratégias estão sendo traçadas e deverão ser anunciadas no 8 de março, Dia Internacional da Mulher.

Durante a conversa, Luciana fez questão de reitar o papel central da pesquisa científica no enfrentamento dos grandes desafios nacionais, como a defesa da Amazônia; a recuperação da soberania e o combate à fome, à miséria, à desigualdade, e a todos os tipos de discriminação. “Tudo passa pela ciência”, resumiu.

Ao fim da cerimônia, a deputada estadual Erika Takimoto (PT), presidente da Comissão de Ciência e Tecnologia da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), entregou uma Moção de Aplauso e Louvor póstuma à Luiz Pinguelli, representado por seus familiares.



Auditório ficou lotado na homenagem a um dos maiores físicos brasileiros



Cena de “Clementina” (2018) de Ana Rieper, um dos filmes da Mostra

Cine-Teatro Denoy de Oliveira apresenta uma programação especial no mês das mulheres

A partir da próxima sexta-feira (10), o Cine-Teatro Denoy de Oliveira, da UMES de São Paulo, apresenta uma programação especial no mês das mulheres.

O “Cinemulher” exibirá uma série em homenagem

ao mês e à luta feminina por igualdade e emancipação. Serão cinco filmes incriveis sobre mulheres que nunca se calaram, nem nos momentos mais duros da História.

A sessão começa pontualmente às 19h, a entrada é

gratuita! A retirada dos ingressos acontece uma hora antes do início do filme, diretamente na entrada do cinema.

O Cine-Teatro Denoy de Oliveira fica localizado na rua Rui Barbosa, 323 - Bela Vista em São Paulo.

PROGRAMAÇÃO

10/03 - Miss Marx
de *Susanna Nicchiarelli*, (2020), 107 min.
Em Miss Marx, acompanhamos a brilhante, inteligente, apaixonada e livre, Eleanor, a filha mais nova de Karl Marx.

Entre as primeiras mulheres a vincular feminismo e o socialismo, ela participou das lutas dos trabalhadores, dos direitos das mulheres e da abolição do trabalho infantil. Em 1883, ela conheceu Edward Aveling, iniciando uma apaixonada, porém, trágica, história de amor.



17/03 - Que Bom Te Ver Viva
de *Lúcia Murat*, (1989), 110 min
Quatro anos depois do golpe militar derrubou o governo brasileiro em 1964, todos os direitos civis foram suspensos e a tortura se tornou uma prática sistemática. Usando uma mistura de ficção e documentário, este filme extraordinário é um registro marcante da memória pessoal, da repressão política e da vontade de sobreviver!

Entrevistas com oito mulheres, que foram presas políticas durante a ditadura militar, são emolduradas pelas fantasias e imaginações de uma personagem anônima, interpretada pela atriz Irene Ravache.

24/03 - O Destacamento Vermelho de Mulheres

de *Xie Jin*, (1960), 74 min.
Wu Qionghua, serva de Nanbatian (O Tirano do Sul), foge para a selva, entra no Exército Vermelho e se junta à tropa feminina que opera na Ilha de Hainan.

Baseado em episódio real da 1ª Guerra Civil Revolucionária na China (1927-37).



31/03 - A HORA DA ESTRELA
de *Suzana Amaral* (1985), 96 min.
Macabéa é uma imigrante nordestina, que vive em São Paulo. Ela trabalha como datilógrafa em uma pequena firma e vive em uma pensão miserável, onde divide o quarto com outras três mulheres. Macabéa não tem ambições, apesar de sentir desejo e querer ter um namorado. Um dia ela conhece Olímpico, um operário metalúrgico com quem inicia namoro. Só que Glória, colega de trabalho de Macabéa, tem outros planos após se consultar com uma cartomante. Clássico brasileiro, baseado no livro homônimo de Clarice Lispector.

07/04 - Clementina
de *Ana Rieper* (2018), 75 min.
Um olhar sobre a trajetória da cantora Clementina de Jesus (1901-1987). Revelada tardiamente, aos 63 anos, ela se tornou uma das maiores vozes do samba e foi considerada o elo entre a cultura brasileira e as raízes africanas.



Bruna Morato representa os médicos que elaboram um dossiê de denúncias

Senadores da CPI da Covid repudiam condenação de advogada que denunciou conduta da Prevent Senior

A Justiça de São Paulo condenou a advogada Bruna Morato, responsável pela defesa de médicos da Prevent Senior na CPI da Covid, a pagar R\$ 300 mil em danos morais à operadora de saúde por declarações consideradas difamatórias durante depoimento à comissão. A decisão foi proferida na última sexta-feira (24).

Para os senadores que integraram a CPI da Covid a condenação contra a advogada que denunciou a conduta irregular da operadora de saúde é “absurda”, “sem precedentes” e “incompatível com a realidade”.

Durante a pandemia, a advogada foi à CPI da Covid no Congresso para representar médicos que produziram um dossiê com denúncias contra a empresa, e apontou que a Prevent Senior investiu no uso do “kit covid”, conjunto de medicamentos sem eficácia comprovada contra o coronavírus.

A condenação foi motivada por uma entrevista que a advogada concedeu a uma emissora de TV e por declarações em uma reunião na Câmara dos Vereadores de São Paulo com senadores e associação de familiares de vítimas da Covid-19.

“A conduta da ré mostrou-se ilícita e pode ser qualificada como tentativa de assassinato de reputação de empresa de grande porte”, diz trecho da sentença.

Segundo a Prevent Senior, na entrevista Bruna disse que a empresa “persegue” e “ameaça” os funcionários da empresa e afirmou que os diretores são “criminosos” e atuam como “milícias” e como “máfias”.

De acordo com trecho do processo, Bruna afirmou que a empresa tentou “inverter a posição das partes na história” e que atuou como “cúmplice do governo federal para difundir o uso da cloroquina”.

A defesa de Bruna alegou que a advogada agiu no “regular exercício do direito de se expressar” e “teve intenção somente de defender suas ideias, não de ofender”.

“CONDENAÇÃO É INCOMPATÍVEL COM A REALIDADE”, DIZEM SENADORES

Senadores que integraram a CPI da Covid classificam como “absurda”, “sem precedentes” e “incompatível com a realidade”

O documento é assinado pelos senadores Omar Aziz (PSD-AM), Renan Calheiros (MDB-AL) e Randolfe Rodrigues (Rede-AP), que integraram a cúpula da CPI, além de Humberto Costa (PT-PE), Rogério Carvalho (PT-SE), Otto Alencar (PSD-BA), Eliziane Gama (PSD-MA), Zenaide Maia (PSD-RN) e Leila Barros (PDT-DF).

“Trata-se, com o perdão da hipérbole, certamente de uma condenação em quantum sem precedentes no bojo da jurisprudência pátria, que tanto se preocupa com o que denomina de ‘indústria do dano moral’”, dizem os senadores na nota.

“É aflitivo observar como aqueles que cumpriram o seu dever cívico de denunciar estão sendo condenados, enquanto os responsáveis pelas condutas da operadora Prevent Senior não foram devidamente processados, apesar da robustez de provas que foram desvendadas pela CPI da Pandemia e que constam no relatório do Senador Renan Calheiros”, seguem.

Os senadores afirmam que membros do Judiciário não teriam tido o mesmo ímpeto para apreciar as denúncias de crimes cometidos pela Prevent Senior e pelo governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) durante a crise sanitária.

“Temos total certeza de que a Justiça prevalecerá e de que o Poder Judiciário, nos estritos limites do devido processo legal, procederá à reforma da absurda decisão condenatória. Como a CPI bem demonstrou, quem deveria ser condenado não é a advogada Bruna, mas a parte que contra ela litiga”, pontuam.

ADVOGADA DENUNCIOU CRIMES DA PREVENT

O senador Humberto Costa (PT-PE) criticou em discurso no plenário a decisão proferida pelo juiz Gustavo Coube de Carvalho, da 5ª Vara Cível da Justiça Paulista.

“Ela esteve aqui na CPI, deu um depoimento corajoso, extremamente importante, comovente, que deixou claro o conjunto de crimes que estariam sendo realizados pela empresa Prevent Senior”, disse o senador.

“Esse juiz”, prosseguiu o parlamentar, “tomou a decisão de obrigá-la a pagar essa indenização. Logicamente, cabe recurso. E ela fará o recurso, fará com o nosso apoio”. “É uma pessoa que merece o nosso respeito, a nossa admiração pela sua coragem”, ressaltou Humberto Costa.

O senador citou o farto material que respaldaria as denúncias apresentado pela advogada durante o andamento da investigação parlamentar e disse esperar que o magistrado também se debruce sobre as provas coletadas pelos senadores.

Reprodução/YouTube



“Privatização da Sabesp deixará mais pobres sem água”, afirma o economista Eduardo Moreira

O governo de São Paulo autorizou, no último dia 28, um estudo para embasar seu projeto de privatização da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) e da Empresa Metropolitana de Águas e Energia (Emae). A medida, defendida pelo governador Tarcísio de Freitas desde as eleições, tem provocado reações de diversos setores da sociedade.

O economista Eduardo Moreira foi um dos especialistas que criticou a intenção de privatizar o saneamento e afirmou que “privatizar empresas de água e esgoto é um escândalo total”.

“Vemos essa notícia, que não é surpresa, não é uma fórmula nova. Ou seja, estamos vendo todos os passos sendo percorridos pela Sabesp para ela ser vendida, provavelmente como as outras empresas, por um preço muito abaixo de quanto ela vale. Com isso, vai colocar São Paulo como refém para poder ter acesso ao seu bem mais básico, o bem sem o qual as pessoas não conseguem sobreviver”, disse Moreira, no programa diário do ICL Notícias, na plataforma YouTube.

O economista lembra que o discurso para a privatização é sempre o mesmo: o de afirmar a “falência” do Estado e pintar o setor privado como mais eficiente, mais moderno, com o argumento ‘privatiza que melhora’. “As empresas estatais podem ser melhoradas, claro, toda empresa pode ser melhorada. As empresas estatais devem ser modernizadas, as empresas estatais devem ganhar eficiência e as empresas estatais devem ter processos digitalizados. As empresas estatais devem ser menos burocráticas. Ninguém é contra isso. Senão, fica parecendo que você quer ou ter uma empresa que é ‘inchada’, que é ‘pesada’, que é não sei o quê ou, por outro lado, privatiza, vende para o fundo de investimento amigo pela metade do preço e aí depois que você sai do governo vai lá trabalhar como CEO desta empresa. Não são essas as duas opções”, alertou o economista.

“ESTATAIS SÃO EXEMPLO”

Moreira lembra que temos no mundo inteiro e, em especial no Brasil, empresas estatais que são sinônimo de eficiência e qualidade nos serviços prestados. “A Embraer, empresa do ramo aeroespacial, que é um dos maiores exemplos do mundo. A Petrobras usa mais tecnologia para explorar petróleo em águas ultraprofundas do que é preciso para pôr uma sonda na lua. A Embrapa tem tecnologia que revolucionou a agricultura no Brasil e faz com que a gente exporte esse conhecimento para o mundo inteiro”, continuou.

O economista alerta ainda que esse discurso quase sempre vem acompanhado de um processo de corte e redução de custos – e esse é o atual caso da Sabesp, uma vez que já circula notícia do enxugamento do quadro de funcionários com um Plano de Demissão Voluntária (PDV) para os próximos meses – de modo a tornar quase que inevitável a privatização. “Privatizam e, depois que privatizam, é um caos, quase sempre a empresa depois quebra”, afirmou.

“Saem cortando tudo que tem custo, para deixar a empresa quase que uma intermediária, uma corretora daquele bem. Ela vai comprar de alguém sem risco e vender para o outro sem risco, para poder ter a maior margem de lucro. Não tem que transformar nada na sociedade, não tem que prover nada para as pessoas mais pobres e, se der ruim, o Estado vai lá e acode, pois sabem que o serviço fundamental não se pode deixar quebrar”, disse Eduardo.

“Foi assim, por exemplo, com bancos no mundo inteiro. Foi assim na Califórnia, com as empresas de energia. Foi assim na Argentina, com os Correios. E aqui no Brasil temos vários casos de empresas em que isso também acontece. Vimos há pouco tempo atrás as empresas que foram privatizadas, deixando o estado inteiro sem luz e aí depois o Estado tem que comprar de volta”, completou.

REESTATIZAÇÕES

Moreira citou também notícias e estudos durante o período em que avançava a privatização da Companhia de Saneamento do Rio de Janeiro (Cedae), indicando que os esforços em todo o mundo seguiam na direção contrária, visando à reestatização do saneamento. Cidades como Paris, Berlim e outras 265 são exemplos desse movimento. “Agora, olha que curioso, em 2017 vários relatórios e reportagens davam conta do processo que estava acontecendo na Europa de reestatização de várias empresas do setor de energia, do setor de água, do setor de coleta de lixo. Empresas que tinham sido privatizadas e que fizeram o preço aumentar e a qualidade dos serviços diminuir brutalmente. França, Alemanha, Inglaterra, vários países começaram a reestatizar ou remunicipalizar, uma vez que vários serviços são prestados pelos municípios, lá na Europa”, lembrou.

Entre os recentes casos citados por Moreira está a recente reestatização do serviço de água na cidade de Setúbal, em Portugal, após 25 anos de privatização, que provocou a queda das tarifas em até 60%.

Leia mais em: horadopovo.com.br

Engenheiros de SP: Privatizar Sabesp é colocar em risco a saúde pública



Murilo Mendes, presidente do Sindicato dos Engenheiros de São Paulo



Servidores federais recusam 7,8% de reajuste e afirmam que “é possível governo melhorar proposta”

Em nova rodada de negociação, nesta terça-feira (28), entidades sindicais representantes do funcionalismo público e o governo federal não chegaram a um acordo sobre o percentual de reajuste salarial aos servidores.

As entidades rejeitaram, por unanimidade, o percentual de 7,8% apresentado pelo Executivo, afirmando que o índice está muito aquém das perdas acumuladas nos últimos anos, e defendem que o valor seja ampliado para 13,5% a partir de março.

Rudinei Marques, presidente do Fórum das Carreiras de Estado (Fonacate), ressaltou que a resolução da campanha salarial 2023

é emergencial e “espera que o governo resolva a questão até a próxima semana, para que depois as entidades possam focar nas pautas setoriais”. “Esperamos e sabemos que o governo tem condições de melhorar essa proposta para um percentual de dois dígitos”, finalizou Rudinei.

Para o presidente da Anfp, Vilson Romero, não dá para postergar a mitigação das perdas dos servidores, que já estão sofrendo com o aumento das alíquotas previdenciárias e perda do poder de compra nos últimos anos.

O último reajuste concedido para os servidores foi em 2017 e, desde então, os salários dos servidores

seguem congelados. Mesmo se houvesse a recomposição de 7,8%, o reajuste ficaria abaixo da defasagem registrada no governo Bolsonaro que foi o primeiro nos últimos 30 anos a não repor as perdas da inflação para o funcionalismo.

Sem acordo, o secretário de Gestão de Pessoas e Relações do Trabalho do MGI (Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos), Sérgio Mendonça, afirmou que irá apresentar as contrapropostas à ministra Esther Dweck, do MGI, e nova proposta deverá ser apresentada até sexta-feira (3), com nova rodada de negociação agendada para 7 de março.

Em reunião com Haddad, Centrais defendem redução dos juros e retomada do controle do Banco Central

As centrais sindicais se reuniram com o ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), em São Paulo, nesta sexta-feira, 3, para pedir a redução da taxa básica de juros (a Selic) e pleitear que o Conselho de Administração de Recursos Fiscais (Carf) tenha participação, também, de organizações que representem os trabalhadores.

As centrais vão realizar uma série de manifestações no dia 21 de março, dia da primeira reunião do Copom, nas portas de edifícios no

Banco Central (BC) em todo o país para pedir a redução da Selic, hoje em 13,75% ao ano o mais alto índice do mundo. A mobilização também pede a saída do atual presidente do BC, Roberto Campos Neto. Além da sede em Brasília, o BC tem representações em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Belém, Salvador, Fortaleza e Recife.

“Do nosso ponto de vista, foi uma reunião importante, por se tratar de um primeiro passo de diálogo com o Ministério da

Fazenda. Faremos um movimento no sentido de pressionar o governo para estabelecer o fim da autonomia do Banco Central. A nossa intenção é de que essa taxa de juros seja rebaixada, pare de aumentar e incentive a retomada da industrialização no país”, afirmou o vice-presidente nacional e presidente da CTB-SP Renê Vicente, que representou a Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil na reunião.

Leia mais em horadopovo.com.br



“Reestatização de serviços públicos, como transporte, energia, coleta de lixo e água, tornou-se tônica dominante ao redor do mundo, notadamente em países centrais”

Publicamos na sequência artigo do engenheiro Murilo Mendes, presidente do Sindicato dos Engenheiros no Estado de São Paulo (SEESP) e da Federação Nacional dos Engenheiros (FNE).

Luta em defesa da saúde pública

Reunião na Assembleia Legislativa e ato em frente à Bolsa de Valores integram luta contra a privatização da Sabesp. Mais que ação política e manifestação sindical, as iniciativas fortalecem batalha em defesa do direito do cidadão a água e esgoto, serviço cuja mercantilização é equívoco no qual só insiste o fanatismo ultraliberal.

A reestatização de serviços públicos, como transporte, energia, coleta de lixo e água, tornou-se tônica dominante ao redor do mundo, notadamente em países centrais do capitalismo, como Estados Unidos e Alemanha. O fenômeno é apontado pelo mapeamento do Centro de Estudos em Democracia e Sustentabilidade do Transnational Institute (TNI), divulgado pela Fiocruz, que identifica a reversão de 884 privatizações entre os anos de 2000 e 2017. A não renovação de concessões, os rompimentos de contratos e até a re aquisição de empresas foram motivados pelo desempenho das companhias privadas, que priorizavam o lucro, oferecendo serviços caros e ruins.

Esse quadro indica uma obviedade já amplamente demonstrada: a prestação de serviços essenciais é incompatível com a visão meramente mercantil que os profetas do fanatismo ultralibe-

ral pretendem impor à sociedade. Esse embate se trava atualmente em torno da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), na mira da privatização sem qualquer motivo racional.

Considerada modelo, a empresa de economia mista gera lucros aos seus acionistas, o que inclui o majoritário, que é o Governo de São Paulo, e tem desempenho exemplar. Tem índice de 100% de abastecimento de água nos 372 municípios em que opera, somando 28,4 milhões de pessoas. Quanto a esgotamento sanitário, a coleta alcança 90% e desse montante, 77% com tratamento. A expectativa é atingir a universalização até 2030, antecipando em três anos o prazo determinado pela Lei 14.026/2020.

Um ponto essencial na estratégia bem-sucedida da Sabesp é o mecanismo do subsídio cruzado que permite levar o serviço aos municípios menores sem encarecer a tarifa, praticando valores similares aos de lugares mais populosos, portanto, mais rentáveis. Modelo que obviamente será descartado se a gestão do saneamento básico for vista como negócio. Naturalmente, as empresas que assumirem as concessões terão interesse apenas nos setores considerados lucrativos, deixando ao poder público desaparelhado a tarefa de levar água e esgoto ao restante dos locais.

Mais que iniciativas políticas ou sindicais, trata-se de batalha em defesa da vida e da saúde pública. Sigamos juntos.

Eng. Murilo Pinheiro
Presidente do Sindicato dos Engenheiros no Estado de São Paulo (SEESP)

Justiça ordena estudo sobre impactos da privatização da Eletrobrás e o “risco de desindustrialização do país”

A 28ª Vara Federal do Rio de Janeiro determinou, na última sexta-feira (3), que seja realizado um estudo sobre os impactos da privatização da Eletrobrás.

A decisão atende ação protocolada por sindicatos em outubro de 2021, que aponta “risco de desindustrialização do país” decorrente da privatização da companhia.

“Considerando que uma das causas de pedir apontadas na inicial consiste no risco de desindustrialização do país provocado pela privatização da Eletrobrás, não há como se examinar tal matéria sem prova técnica, tornando-se imprescindível a realização de prova pericial, e para esse fim converto o julgamento em diligência”, escreveu o magistrado Adriano Saldanha Gomes de Oliveira no despacho, em que fixou prazo de 30 dias para a apresentação do laudo, contados a partir da data de início da perícia.

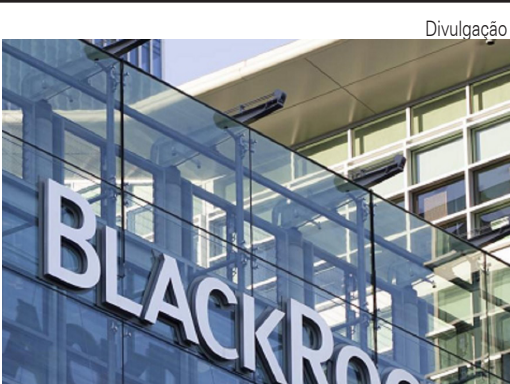
Para a produção da prova pericial, Gomes de Oliveira nomeou a economista e diretora do Instituto de Desenvolvimento Estratégico do Setor Energético (Ilumina), Clarice Ferraz.

A ação requerida por seis entidades sindicais representantes dos empregados da Eletrobrás e

subsidiárias, assinada em 25 de outubro de 2021, pedia que a Justiça determinasse a elaboração de estudos de impacto regulatório, bem como a suspensão do processo de vendas de ações da Eletrobrás, que culminou na privatização da empresa em junho de 2022.

“A privatização da Eletrobrás aconteceu de forma afobada, em tempo relâmpago, passando por cima de todas as regras, cheia de fraudes e ilegalidades”, denuncia o engenheiro e diretor da Associação dos Engenheiros e Técnicos do Sistema Eletrobras (Aesel), Ikaro Chaves, ao ressaltar que há várias ações na Justiça por parte de entidades sindicais que buscam barrar o processo de privatização, mas que não foram julgadas em seu mérito.

Chaves defende que o processo de privatização deve ser revisto pelo governo Lula. “O valor da venda foi absurdamente subfaturado, com um prejuízo de bilhões para os cofres públicos, sem falar que não houve nenhum estudo de impacto para o consumidor e sequer foi discutido com a sociedade as consequências da privatização da maior empresa de energia do país”, destacou o engenheiro, em entrevista ao Portal Vermelho.



Divulgação

Arapuca recebeu a gestão da economia Zelensky vendeu a Ucrânia para a BlackRock, denuncia ex-deputado no exílio

“Vendeu a Ucrânia. Esta transação é uma venda direta do território da Ucrânia”, denunciou o ex-deputado ucraniano, Ilya Kiva, exilado em Moscou desde que o regime neonazista baniu toda a oposição “Aconselhado” pelo oligarca norte-americano Larry Fink, controlador da BlackRock, maior fundo mútuo do mundo, que contabiliza US\$ 8,5 trilhões de ativos, o chefe do regime de Kiev, Volodymyr Zelensky, anunciou a “criação de um fundo de capital privado e público, para apoiar a recuperação e reconstrução econômica ucraniana”.

Dirigindo-se aos presentes na assembleia preparatória à Expo 2030 em Odessa no final do ano passado, Zelensky foi mais explícito sobre de que se trata: “Mesmo agora, criamos um sistema especial de patrocínio. O sistema permitirá que países e empresas líderes assumam o patrocínio da reconstrução de regiões, cidades, indústrias e empresas ucranianas”.

“Na verdade, isso significa que Zelensky vendeu a Ucrânia. Esta transação é uma venda direta do território da Ucrânia”, denunciou o ex-deputado ucraniano, Ilya Kiva, exilado em Moscou desde que o regime neonazista baniu toda a oposição.

“Será a população que não foi incluída nos termos do contrato de venda, quem terá de arcar com os custos. Em um futuro próximo, todos testemunharão a continuação da ‘reciclagem dos ucranianos’. Aqueles que tiverem sorte fugirão”, assinalou Kiva.

A denúncia vem se somar à anterior, sobre os laços do regime Zelensky com a fraude da FTX, para “arrecadação de fundos de ‘ajuda’ em criptomoedas para a Ucrânia” e para, como uma mão lava a outra, ajudar na lavagem de dinheiro de campanha do Partido Democrático, escândalo que se tornou público no ano passado.

ACORDO FIRMADO EM WASHINGTON

O acordo Ucrânia-BlackRock foi assinado em Washington no dia 10 de novembro do ano passado, segundo o Ministério da Economia ucraniano, e estabelece que o departamento de Consultoria de Mercados Financeiros da BlackRock assessorará o órgão ucraniano na criação e implementação de uma plataforma de investimentos, cuja competência e governança do fundo é da BlackRock.

“Estamos ansiosos para trabalhar com a BlackRock FMA. Esperamos que esta plataforma de renovação se torne um mecanismo eficaz para mobilizar investimentos em setores-chave da nossa economia”, disse a vice-chefe do gabinete da presidência, Yulia Sviridenko ao assinar o memorando.

“É muito importante para nós demonstrarmos ao mundo inteiro que a guerra não proíbe os investimentos na Ucrânia. Afinal, são os investimentos que são a chave para a futura recuperação econômica rápida e efetiva”, alegou.

O encontro entre Zelensky e Fink ocorreu em setembro, segundo o New York Times, para o acerto do que a agência Tass descreveu ironicamente como “programa de mecenato” a ser ofertado a entidades estrangeiras.

Até o momento, a BlackRock já assumiu o controle de vários antigos ativos pertencentes a oligarcas ucranianos. Entre eles, Metinvest, DTEK Naftogaz, Ukrzaliznytsia e Ukrenergo, vendidos em leilão.

Registre-se que o memorando Ucrânia-BlackRock foi assinado apenas 9 dias após o colapso da FTX, a ‘bolsa’ de crypto comandada pelo fraudador e grande contribuinte dos democratas, Sam Bankman-Fried, golpe avaliado em US\$ 2 bilhões.

A BlackRock se tornou o mastodonte da especulação que é hoje graças ao papel que a empresa de Fink jogou no bailout do sistema financeiro norte-americano após a quebra do Lehman Brothers, ao ser contratado, sem licitação em “prol dos interesses norte-americanos” pelo presidente do Fed de Nova York, Timothy 2, depois secretário do Tesouro de Obama, para gerir o socorro aos bancos e seguradoras por um fio. Função que voltou a ter em março de 2020 quando do quase crash no início da pandemia de Covid.

Em uma notável matéria sobre Fink e a BlackRock, a revista Vanity Fair cita um banqueiro que a considera “a Blackwater das finanças, quase um governo paralelo”, referindo-se à montanha de contratos governamentais concedidos à empresa durante o crash de 2008/2009.

A BlackRock atualmente é também o maior especulador na indústria bélica norte-americana via seu fundo ETF para o setor aeroespacial. Fink também é considerado um “democrata vitalício” quanto ao financiamento eleitoral.

Além da corrupção no atacado, o regime de Kiev também faz o seu melhor no varejo, com o escândalo mais recente, o superfaturamento na comida para os soldados na frente, tendo causado uma onda de demissões que chegou perto do ministro da Defesa.

“Golpe apoiado pelos EUA em 2014 iniciou guerra na Ucrânia”, diz Sachs



Jeffrey Sachs é assessor da ONU e ex-conselheiro de três secretários-gerais

Assassinatos em Bryansk foram cometidos com armas da Otan, denuncia MRE da Rússia

Sabotadores ucranianos atravessaram a fronteira para atentar contra a vida de cidadãos de vilarejos na região de Bryansk. “Ataque terrorista cometido por neonazis”, repudiou o presidente Putin

O Ministério das Relações Exteriores da Rússia, afirmou na sexta-feira (3) em comunicado que os assassinatos de civis na região russa de Bryansk, executados por um grupo de sabotadores infiltrados ucranianos na véspera, “foram cometidos com armas da Otan”. O presidente Putin caracterizou o incidente como um “ataque terrorista” de um tipo tipicamente cometido “pelos neonazistas e seus mestres”.

Na incursão, o grupo de sicários ucranianos ateou fogo a um prédio residencial em Sushany, plantou bombas no distrito de Klimovsky e. nas imediações da aldeia de Lyubechane, abriu fogo contra um automóvel que conduzia crianças à escola, matando o motorista e ferindo um menino de dez anos, que conseguiu fugir, levando as duas meninas mais novas para se protegerem na floresta. Depois, eles conseguiram carona até um assentamento, onde foram socorridos.

Os agressores fizeram vídeos de propaganda, sem sequer disfarçarem tatuagens nazista. De acordo com as autoridades russas, o ataque causou dois mortos e dois feridos. Um dos mortos foi identificado como “Tio Lyosha”, o motorista do veículo de transporte escolar. O menino ferido, Fedya, já foi operado e está bem.

“As autoridades ucranianas reconheceram repetidamente que todas as suas ações são realizadas com a aprovação e apoio dos Estados Unidos e de outros países da Otan. Os assassinatos na região de Bryansk foram cometidos com



Governador em visita ao garoto ferido de dez anos

armas da Otan. A esse respeito, surge uma questão lógica sobre a qualificação desses países como cúmplices de tais crimes e como patrocinadores do terrorismo”, disse o MRE russo.

“Tiramos as conclusões apropriadas dos eventos. Investidores russos iniciaram uma investigação. Este crime não ficará impune”, acrescentou o comunicado.

“Ao fornecer à Ucrânia tipos de armas de alta tecnologia, os Estados Unidos e outros países da Otan estão transformando o país em um laboratório pessoal e um campo de testes para seus desenvolvimentos”, continuou o ministério, referindo-se ao atual conflito Otan-Rússia na Ucrânia.

O Serviço Federal de Segurança da Rússia divulgou imagens, mostrando vítimas, veículos privados de buracos de bala e armas, incluindo minas terrestres, bazucas e cápsulas de balas.

Em entrevista ao jornal Izvestia, um morador da aldeia de Lyubechane, Andrei, relatou que “[os sabotadores] bateram em todos que encontraram e levaram seus celulares”. Uma casa foi atingida com um lançador de granadas. Segundo a testemunha ocular, eles usavam uniforme militar com braçadeiras amarelas e tiraram fotos perto do prédio do conselho da

aldeia.

“Está claro que a operação militar especial continuará até que as tarefas de desnazificação e desmilitarização da Ucrânia e a eliminação das ameaças à segurança emanadas de seu território sejam concluídas”, concluiu o comunicado do MRE russo.

UM HERÓI DE DEZ ANOS

Fyodor Fedya, de dez anos de idade, está sendo considerado um herói nacional e, segundo o governador de Bryansk, Alexander Bogomaz, será agraciado com medalha de heroísmo assim que saia do hospital onde foi operado e passa bem.

Fedya estava no ônibus escolar que foi atingido por tiros disparados pelos terroristas invasores. O motorista conhecido como Tio Alyosha morreu e o garoto, apesar de ferido à altura da omoplata manteve-se firme e tranquilo e fugiu para se esconder em um bosque ao lado levando consigo duas meninas que estavam no ônibus salvando-se e a elas. Quando passou o perigo, uma das meninas foi até a aldeia próxima e conseguiu que viessem buscar o garoto com uma ambulância.

O presidente Putin declarou sobre o feito de Fedya: “Toda a Rússia se orgulha de você”.

Médicos espanhóis entram em greve por reajuste salarial e investimentos em Saúde Pública

Os profissionais da saúde da Espanha começaram mobilizações na quarta-feira (1) como parte de um protesto de 48 horas, enquanto continua a greve dos médicos de família e pediatras da atenção primária. A manifestação em várias regiões do país reiterou a necessidade imediata de mais recursos para a rede básica de saúde, contratação de profissionais, reajuste dos salários e maior investimento para superar o agravamento da crise no setor.

Os médicos dos hospitais do Serviço de Saúde de Madrid, do Hospital Universitario da Fundación Alcorcón, do Hospital Universitario de Fuenlabrada e da Unidade Central de Radiodiagnóstico iniciaram a greve às 08:00 (hora local), que se prolongará até esta sexta-feira.

A medida ocorre depois que os sindicatos realizaram uma reunião com a ministra da Saúde, Carolina Darias, e com o Ministro Comunitário da Saúde, Enrique Ruiz Escudero, na qual as partes não conseguiram resolver as diferenças.

Nos últimos meses se multiplicaram os protestos de profissionais e usuários devido às deficiências dos serviços de saúde, principalmente em determinadas regiões, sem resposta satisfatória por parte dos gover-



Manifestação de médicos tomou as ruas de Madrid

nos estaduais nem do primeiro-ministro Pedro Sanchez.

Em Madrid, o protesto percorreu o centro e terminou na sede do governo regional na Puerta del Sol, na décima quarta-feira que os médicos marcham em defesa dos seus direitos na capital espanhola.

“Na Espanha, cometeu-se o erro de transferir o Sistema Nacional de Saúde para as Comunidades Autônomas de forma completa, não apenas a gestão. Agora temos 18 sistemas, 18 serviços de saúde diferentes em todos os aspectos, desde o calendário de vacinas, as receitas, os direitos, as obrigações, em tudo”, afirmou Vicente Matas, diretor do Centro de Estudos do Sindicato Médico

de Granada. As discrepâncias salariais e nas condições de trabalho, esclareceu, também são o retrato de um país que fragilizou o sistema público para beneficiar a rede privada, que é quem está lucrando com o descalabro reinante.

Atualmente, a quantidade de atendimentos para os médicos e enfermeiras é de 1.300 pacientes mensais e de 1.000 para pediatras. “Isso significa só 10 minutos de atenção aos adultos e 15 minutos para as crianças. Reivindicamos um máximo de 31 pacientes diários, sem o que a qualidade do atendimento continuará, obviamente, muito prejudicada”, declarou Maria Justicia, do Sindicato dos Médicos de Madrid (Amyts).

Desmentindo Biden e Zelensky o economista dos EUA, Jeffrey Sachs, afirma que “não estamos no 1º aniversário da guerra. Este é seu 9º ano. E isto faz uma grande diferença”

“Aguerra – afirmou o acadêmico norte-americano Jeffrey Sachs – “começou em fevereiro de 2014” com a violenta derrubada do presidente ucraniano Viktor Yanukovich, “um golpe que foi apoiado abertamente e clandestinamente pelo governo dos EUA”. Sachs fez essas considerações em matéria publicada no dia 28 último no seu site www.jeffsachs.org.

Desmentindo Joe Biden, Volodymyr Zelensky e a mídia pró-Otan, Jeffrey Sachs afirmou que “não estamos no primeiro aniversário da guerra. Este é o 9º aniversário da guerra. E isto faz uma grande diferença”.

Professor da Columbia University (NYC) e Diretor do Centro para o Desenvolvimento Sustentável e Presidente da Rede de Soluções Sustentáveis da ONU, Sachs atualmente serve como Defensor da iniciativa para Metas de Desenvolvimento Sustentável sob o Secretário-Geral da ONU, Antonio Guterres, depois de ter sido conselheiro de três Secretários-Gerais da ONU.

Sachs sublinha que “desde 2008, os EUA empurraram a expansão da OTAN para a Ucrânia e a Georgia”. O golpe de 2014 contra Yanukovich foi “realizado a serviço da expansão da OTAN”.

Assim, na raiz do conflito, para Sachs – e muitas outras pessoas de bem, no mundo inteiro – está esse “implacável impeto pela expansão da OTAN”.

É Sachs que rememora que Washington e Berlim prometeram “explicitamente e repetidamente” ao então presidente soviético Gorbachev que “a OTAN não se expandiria ‘uma polegada para o leste’ depois que este dissolveu o Pacto de Varsóvia”.

“ACORDOS VIOLADOS”

Portanto, a expansão da OTAN “foi uma violação dos acordos firmados com a União Soviética e, portanto, com sua sucessora, o estado da Rússia”. Os neocons – acrescenta – empurraram a expansão da OTAN porque eles buscam cercar a Rússia na região do Mar Negro, assemelhando-se às metas da Grã-Bretanha e da França na Guerra da Crimeia (1853-56).

O acadêmico também faz referências às elocubrações geopolíticas de Zbigniew Brzezinski, segundo qual o Ucrânia seria o “pivô geográfico” da Eurásia.

Segundo tal crençde, se os EUA pudessem cercar a Rússia na região do Mar Negro e incorporar a Ucrânia à aliança militar dos EUA, “a capacidade da Rússia de projetar poder no Mediterrâneo Oriental, no Oriente Médio e globalmente desapareceria”. “Ou é assim que diz a teoria”, observa Sachs.

“Obviamente, a Rússia viu isto não só como uma ameaça geral, mas como uma ameaça específica de alocar armamentos avançados até a fronteira da Rússia. Isto ficou especialmente ameaçador depois que os EUA abandonaram unilateralmente o Tratado de Mísseis Antibalísticos de 2002, o que, segundo a Rússia, constituía uma ameaça direta à segurança da Rússia”.

O acadêmico norte-americano registra que Yanukovich durante sua presidência (2010-2014) “buscou a neutralidade militar, precisamente para evitar uma guerra civil ou uma guerra por procuração na Ucrânia”.

Segundo Sachs, quando se iniciaram os protestos contra Yanukovich no final de 2013, quando do atraso na assinatura do percurso de adesão à União Europeia, “os EUA aproveitaram a oportunidade para escalar os protestos em um golpe, o qual culminou com a derrubada de Yanukovich em fevereiro de 2014”.

Washington insuflou “implacavelmente e clandestinamente os protestos” e os “paramilitares nacionalistas ucranianos de direita” – discreta forma de se referir a neonazistas – “entraram na cena”. “ONGs estadunidenses gastaram vastas somas para financiar os protestos e a derrubada”.

Sachs enumera “três pessoas intimamente envolvidas nos esforços dos EUA para derrubar Yanukovich”: “Victoria Nuland”, então secretária-assistente de estado e agora subsecretária de Estado

dos EUA; “Jake Sullivan”, na época conselheiro de segurança do então vice-presidente Joe Biden e agora conselheiro de segurança nacional dos EUA para o presidente Biden.

Dessa interferência no golpe, Sachs reproduz a famosa indicação de Nuland, pelo telefone, ao embaixador do EUA na Ucrânia, Geoffrey Pyatt, sobre quem Washington queria encabeçando o governo imposto pelo golpe, coroada pela imprecação “F***-se a União Europeia”, que veio a público.

Para Sachs, essa conversação interceptada “revela a profundidade do planejamento de Biden-Nuland-Sullivan”, com a então subsecretária de Estado confirmando de viva voz o golpismo de Sullivan e Biden.

Sobre o envolvimento do governo dos EUA no golpe, Sachs recomenda a seus leitores o documentário de 2016 ‘Ukraine on Fire’ [Ucrânia em Chamas], do diretor de cinema norte-americano Oliver Stone. “Eu insto todas as pessoas a assisti-lo para ver o que é uma operação de mudança de regime dos EUA”.

Sachs também convoca todas as pessoas a lerem os estudos acadêmicos do Prof. Ivan Katchanovski, da Universidade de Ottawa, “que revisou laboriosamente todas as evidências dos eventos da praça Maidan e descobriu que a maior parte da violência e matança não se originou das forças de segurança de Yanukovich, como foi alegado, mas sim dos próprios líderes do golpe, que dispararam sobre as multidões, matando tanto os policiais quanto os manifestantes”.

“GOLPE NA EUROPA”

“Estas verdades permanecem obscuras pelo segredo dos EUA e a subserviência europeia ao poder dos EUA. Um golpe orquestrado pelos EUA ocorreu no coração da Europa e nenhum líder europeu ousou falar a verdade. As consequências brutais se seguiram, mas, mesmo assim, nenhum líder europeu fala honestamente sobre os fatos”.

“O golpe foi o início da guerra há nove anos. Um governo extraconstitucional, direitista, antirusso e ultranacionalista chegou ao poder em Kiev. Após o golpe, a Rússia rapidamente retomou a Crimeia após um rápido referendo e a guerra explodiu no Donbass, quando os russos no exército ucraniano mudaram de lado e se opuseram ao governo pós-golpe em Kiev”.

A OTAN – enfatiza Sachs – começou imediatamente “a despejar bilhões de dólares em armamentos para a Ucrânia. E a guerra se escalou”.

“Os acordos Minsk-1 e Minsk-2, nos quais a França e a Alemanha deveriam ser cofiadores, não funcionaram; primeiro, porque o governo nacionalista ucraniano em Kiev se recusou a implementá-los e, em segundo lugar, porque a Alemanha e a França não pressionaram pela sua implementação – como foi recentemente admitido pela ex-Chanceler alemã Merkel”.

No final de 2021, o presidente Putin deixou muito claro que as três linhas vermelhas russas eram: (1) a extensão da OTAN à Ucrânia é inaceitável; (2) a Rússia manteria o controle da Crimeia; e (3) a guerra no Donbass precisaria ser resolvida através da implementação do acordo Minsk-2. “A Casa Branca de Biden se recusou a negociar sobre a questão da expansão da OTAN”.

“A invasão russa ocorreu, tragicamente e erroneamente, em fevereiro de 2022 – oito anos após o golpe contra Yanukovich”, conclui Sachs, sem elaborar como seria possível outra medida, face ao iminente desencadeamento, pelo regime de Kiev, de uma operação de limpeza étnica contra os falantes de russo, e diante da recusa de Washington, Bruxelas e Kiev em negociar.

Desde então, os EUA “despejaram dezenas de bilhões de dólares em armas e apoios orçamentários”. As mortes e a destruição neste campo de batalha em escalada são horrendas.

Para Sachs, EUA que bloquearam negociações da Ucrânia em 2022.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br



Reator chinês de pesquisa para fusão nuclear, também chamado ‘Sol artificial’

China está à frente dos EUA em tecnologias de ponta, afirma relatório australiano

A China lidera o mundo em 37 das 44 tecnologias críticas, com os países ocidentais ficando para trás na corrida por avanços científicos e de pesquisa, revelou o relatório Critical Technology Tracker [Monitor de Tecnologia Crítica], divulgado na quinta-feira (2), pelo Instituto Australiano de Política Estratégica (ASPI).

A China está em posição de se tornar a maior superpotência tecnológica do mundo, com seu domínio já abrangendo defesa, espaço, robótica, energia, meio ambiente, biotecnologia, inteligência artificial (IA), materiais avançados e tecnologia quântica chave, de acordo com relatório australiano que chamou a atenção da Al Jazeera.

O domínio da China em alguns campos é tão pronunciado que “todas as 10 principais instituições de pesquisa do mundo para certas tecnologias estão localizadas no país”, admite o estudo.

A ASPI é uma instituição que recebe financiamento dos governos australiano, norte-americano e britânico para esses estudos, bem como de fontes do setor privado, especialmente do complexo industrial-militar.

As principais áreas dominadas pela China – aponta o estudo – incluem drones, aprendizado de máquina, baterias elétricas, energia nuclear, fotovoltaica, sensores quânticos e extração de minerais críticos.

EUA LIDERA “APENAS EM 7”

Em comparação, os Estados Unidos lideram “em apenas sete tecnologias críticas”, incluindo sistemas de lançamento espacial e computação quântica, de acordo com a ASPI.

Ainda segundo o relatório, o Reino Unido e a Índia estão entre os cinco principais países em 29 das 44 tecnologias, com a Coreia do Sul e a Alemanha entre os cinco primeiros em 20 e 17 tecnologias, respectivamente.

Para a ASPI, a “proeza crescente” da China em tecnologias críticas, que atribuiu “ao planejamento de políticas de longo prazo”, deveria ser um “alerta” para o que chama de “nações democráticas”, segundo o léxico em voga no Departamento de Estado, na CIA, Casa Branca e arredores.

“A longo prazo, a posição de liderança da China em pesquisa significa que ela se estabeleceu para se destacar não apenas no desenvolvimento tecnológico atual em quase todos os setores, mas também em tecnologias futuras que ainda não existem”, acrescentou a ASPI em um comentário do relatório que deve tirar por muitas noites o sono dos apologistas do ‘excepcionalismo americano’ e do ‘fardo do homem branco’.

O relatório acrescenta temer que se essa tendência “não for controlada”, isso “pode mudar não apenas o desenvolvimento e controle tecnológico, mas também o poder global e a influência” para a China.

Para tentar evitar esse desfecho – que, para muitos, seria apenas a derrocada do mundo unipolar sob ordens de Washington vigente há três décadas -, o think tank apresentou 23 recomendações para os países ocidentais e seus parceiros e aliados.

O relatório serve para realçar em que quadro se desenrola a guerra dos EUA contra o domínio e autossuficiência da alta tecnologia pela China, que tem estado abertamente em curso desde o governo Trump e que foi mantida ferozmente por Biden.

‘Ocidente oculta dados sobre ataque ao Nord Stream’, diz general francês



Sinais da explosão do Nord Stream colhidos em foto de militares da Dinamarca

Nazistas ucranianos retiram monumento ao general soviético que libertou Kiev

O jornalista ucraniano Oleg Yasinsky, que vive na Rússia, denunciou em uma crônica o regime fantoche de Zelensky pela retirada em fevereiro do monumento da Praça da Vitória ao general soviético Nikolai Vatutin, que libertou Kiev do jugo dos hitleristas e dos colaboracionistas.

A destruição do monumento, este ato covarde de vingança contra um homem morto – sublinhou o autor – “não moverá o tempo nos relógios da história nem por um segundo”.

“Por que isso é feito apenas hoje? Para que ninguém tenha dúvidas sobre a natureza do atual poder de Kiev e depois legalize formalmente as saudações e suásticas nazistas tão populares agora em seus corredores e tão invisíveis para os humanistas europeus?”, questiona.

“Minhas primeiras fotos de infância são do lugar mais bonito de Kiev – o Parque Marinsky. Memórias da vida distante de um enorme país pacífico que não existe mais”. “No coração do parque havia um enorme monumento, e nós, crianças soviéticas, sabíamos muito bem desde nossos anos de escola que era o túmulo do principal comandante militar das tropas do Exército Vermelho que no outono de 1943 libertou nossa cidade de seus piores inimigos: os fascistas alemães”.

Nos anos 70 do século passado – ele relata -, a memória da guerra ainda estava próxima, e os nossos ainda não velhos avós e avós iam às nossas escolas no dia 1 de setembro para nos dar



Os herdeiros dos colaboracionistas de Hitler derrotados na Ucrânia tentam em vão borrar a história retirando o monumento do general Nikolai Vatutin (Divulgação)

a primeira aula com que começava cada ano letivo.

“Foi ‘a aula da bravura’, onde aprendemos a mais terrível e ao mesmo tempo a mais simples, mais humana e mais informal verdade sobre a grande tragédia e a grande vitória do nosso povo. A tarefa de nossa geração era absorver aquela memória histórica que nos- seus ancestrais que partiram nos deram; deixaram-nos as suas memórias como um tesouro frágil, como se ao perdê-lo deixássemos de ser nós próprios. Acabamos sendo maus alunos”.

“Há algumas semanas, à vista da Ucrânia, da Europa e do mundo, as autoridades de Kiev, da forma mais diária e impune, realizaram o seu antigo sonho: o monumento ao general soviético Nikolai Vatutin, o libertador de Kiev

dos inspiradores ideológicos do atual governo ucraniano, foi destruído”.

Sabe-se que em sua vida terrena anterior, Vatutin foi assassinado pelos ucranianos aliados dos nazistas e é por isso que seus seguidores atuais têm suas contas especiais com ele, já que o general lutou contra os fascistas sem dar muita atenção à sua origem nacional.

Yasinsky registra que há um ano e meio, quando depois de muitos anos fora de Kiev, esteve diante do monumento à rebelião operária da fábrica ‘Arsenal’, no bairro de Pechersk, bem perto da estátua e túmulo do general Vatutin, leu no monumento profanado “a nova versão desta história”.

Leia mais no site do HP

Estudo da CIA conclui que ‘Síndrome de Havana’ não foi causada ‘por armas ou inimigos’, mas só paúra

A CIA e mais quatro agências de inteligência dos EUA concluíram em 1º de março que a “Síndrome de Havana” – a “misteriosa doença” supostamente afetando agentes no exterior e diplomatas com estranhas e dolorosas sensações acústicas – “não resultou das ações de um adversário estrangeiro” ou de uma “arma de energia”, registrando o Washington Post, informando o fim de uma “revisão” em curso “há anos” em que foram reexaminados cerca de 1000 casos, em 90 países.

Em suma, queiram ou não assumir publicamente, a ‘síndrome’ não passa de histeria ou psicose. “Não havia nada”, disse ao Post uma fonte.

Os analistas examinaram grupos de casos relatados, inclusive nas embaixadas dos EUA, mas não encontraram nenhum padrão ou conjunto comum de condições que pudessem vincular casos individuais.

Eles também não encontraram evidências que sugerissem que um adversário havia usado uma forma de energia direcionada, como ondas de rádio ou feixes ultrassônicos. Em alguns casos, não havia “linha de visão direta” para o pessoal afetado que trabalhava nas instalações dos EUA.

Também não havia informações de que líderes estrangeiros, inclusive na Rússia, tivessem conhecimento ou tivessem autorizado um ataque

ao pessoal dos EUA que pudesse explicar os sintomas.

A “síndrome” agora oficialmente desmentida serviu de pretexto para o governo Trump intensificar as sanções contra Cuba e desencadeou uma enxurrada de elocubrações em Washington sobre “armas de energia”, rapidamente atribuídas aos “russos malvados” e, quem sabe, aos chineses. Serviu, ainda, para acirrar a russofobia que já grassava nos EUA.

Segundo a mídia, até mesmo a hipótese de envolvimento de “representantes de uma civilização extraterrestre” chegou a ser aventada, mas acabou descartada.

Um estudo realizado por especialistas cubanas já havia apontado como causa possível das “misteriosas sensações” o som de um tipo de cigarra, comum na ilha.

A notícia foi recebida com ironia na Rússia. “A história da ‘síndrome de Havana’ começou nos Estados Unidos como uma poderosa histeria anti-russa e terminou quase imperceptivelmente. O governo Trump acusou Moscou de orquestrar “ataques acústicos” contra diplomatas americanos em Havana. Agora a equipe de Biden relata anonimamente: a investigação acabou, a Rússia

não tem culpa”, destacou o jornal Vzglyad. “Então, o que aconteceu com os funcionários das missões diplomáticas dos EUA?”, indagou.

Por sua vez, a porta-voz da chancelaria russa, Maria Zakharova, respondendo a um jornalista, observou de forma zombateira: “então, nossa imagem do ‘império do mal’ está desmoronando diante de nossos olhos?”.

“Deixe-me lembrá-lo de que, por vários anos, a mesma comunidade de inteligência dos EUA e a liderança da CIA, bem como a mídia americana, afirmaram que diplomatas credenciados foram torturados, causando-lhes alucinações e náuseas. Supostamente, os serviços especiais dos países do “eixo do mal”, principalmente a Rússia, estavam por trás disso”, ela acrescentou.

Durante uma visita à Rússia em 2021, o diretor da CIA Burns havia falado em “consequências” para Moscou na agora descartada acusação.

O americanista Dmitry Drobnitsky assinalou como as “investigações” norte-americanas entraram em um impasse quando, depois de Havana, Moscou e Pequim, a “síndrome” se manifestou em Paris.

Leia matéria completa em www.horadopovo.com.br

“O que acho surpreendente é que as investigações alemãs, suecas e dinamarquesas já coletaram muitas informações, mas ainda não houve conclusões. Assim, pode-se supor que há conclusões que não querem tornar públicas”, assinalou Trinquand

O general Domini-que Trinquand, ex-chefe da Missão Militar francesa nas Nações Unidas (ONU), advertiu, em entrevista ao canal francês LCI TV, que o Ocidente pode estar propositadamente suprimindo as conclusões das investigações sobre as explosões dos gasodutos russos Nord Stream.

O simples fato de que ainda não foram apresentadas conclusões de três investigações ocidentais em relação às explosões nos gasodutos Nord Steam1 e 2 pode indicar que essas conclusões foram “varridas para debaixo do tapete”, disse o general.

“O que acho surpreendente é que as investigações alemãs, suecas e dinamarquesas já coletaram muitas informações, contudo ainda não houve conclusões. Por isso, pode-se supor que há conclusões que eles simplesmente não querem tornar públicas”, assinalou Trinquand.

O especialista militar em geoestratégia acredita que a principal questão a ser feita é: quem se beneficiou desse crime? “O fato de o gasoduto pertencer a uma empresa russa mostra a priori que a Rússia não se beneficiaria da explosão”.

Trinquand expressou confiança na investigação “detalhada e de alta qualidade” realizada pelo jornalista investigativo norte-americano Seymour Hersh. Para o militar francês, é crível a versão dos eventos apresentada por Hersh, cuja seriedade, aliás, está alicerçada nas denúncias que ao longo de décadas trouxe ao público.

Do massacre de Mi Lai no Vietnã ao escândalo da tortura na prisão de Abu Graib no Iraque, passando pela perseguição a ativistas nos EUA pelos direitos civis e pela paz, que resultou na Comissão Church, que provou as atividades ilegais da CIA dentro dos EUA nos anos 1970.

“DENÚNCIA CONFIÁVEL”

“Acredito que a versão apresentada é absolutamente confiável [...] Isso não é apenas confiável, mas também verificado – todos atualmente podem fazer isso”, observou ele, apontando para as atuais possibilidades generalizadas de rastreamento de aeronaves e embarcações marítimas.

“Se a Rússia estivesse envolvida nas explosões,



General D. Trinquand

como alguns alegaram, então a Alemanha, Dinamarca e Suécia teriam definitivamente descoberto isso durante suas investigações”, explicou o especialista, acrescentando que, como isso não foi provado, “há uma necessidade de procurar em uma direção diferente”.

Os ataques ocorreram em 26 de setembro de 2022. De acordo com a investigação de Hersh, o plano de explodir os gasodutos começou a ser preparado meses antes do início da operação militar russa na Ucrânia, sob ordens do presidente Joe Biden e do conselheiro de Segurança Nacional Jake Sullivan.

Submarinistas norte-americanos plantaram as bombas em junho de 2022, usando como cobertura exercício naval anual da Otan no Mar Báltico, cabendo a cúmplices noruegueses em setembro lançarem uma boia especialmente instrumentalizada para emitir sinais para acionar as detonações.

ATO DE TERRORISMO

Cinicamente, as ‘investigações’ da Alemanha, Dinamarca e Suécia “não descartaram sabotagem”. O presidente russo, Vladimir Putin, classificou a explosão dos gasodutos de óbvio “ato de terrorismo”.

Há ainda o agravante de o próprio Biden ter asseverado em uma entrevista na Casa Branca, ao lado do primeiro-ministro alemão, Olaf Scholz, que o Nord Stream seria destruído caso houvesse a invasão da Ucrânia, o que também foi aventado por Victoria Nuland, desde 2014 um dos artífices do golpe em Kiev.

A Rússia, com apoio da China e de outros países, tem exigido que a ONU investigue os atentados contra os gasodutos Nord Stream , apuração que EUA e governos avassalados buscam barrar de todo jeito.

Shutterstock



Mesmo desativado por Berlim, Nord Stream 2 foi explodido

Segundo trem descarrila em Ohio em menos de um mês

Um mês após o descarrilamento de um trem contendo produtos químicos tóxicos, bem como seu derramamento nas proximidades da pequena cidade de East Palestine em Ohio, no centro-oeste dos Estados Unidos, uma comunidade vizinha vivenciou nova catástrofe neste sábado (04), quando mais um trem de carga da empresa Norfolk Southern sofreu um desastre no condado de Clark, informou a mídia local.

Destá vez foi na cidade de Springfield, cerca de 74 quilômetros a oeste de Columbus, capital do Estado de Ohio, e segundo as autoridades, 20 vagões descarrilaram, quatro deles caminhões-tanque contendo materiais supostamente não perigosos, como fluido de escapamento de diesel e poliacrilamida residual.

Os descarrilamentos poderiam ter sido evitados, revelando a falta de regulamentação e controle quando as empresas fazem cortes em manutenção

preventiva, em detrimento dos possíveis danos causados ao planeta e à saúde humana diante de uma catástrofe ambiental, de acordo com a presidente do Conselho Nacional de Segurança nos Transportes (NTSB), Jennifer Homendy.

Um relatório do Corpo de Bombeiros de Springfield afirmou que uma equipe especializada de materiais perigosos foi enviada ao local, embora nenhum ferimento ou risco à saúde pública tenha sido identificado até o momento, a preocupação da população que mora nas redondezas só cresce com a sucessão de desastres.

A Agência de Emergência do Condado de Clark estabeleceu um centro de operações no local com a colaboração ativa do Corpo de Bombeiros de Springfield, o Gabinete do Xerife do Condado, a Patrulha Rodoviária Estadual, o Departamento de Segurança Pública e outros.

Leia mais no site HP

“As três lições principais da era Stalin, nos 70 anos de sua partida”, por Zyuganov



“Lançamos um documentário em várias partes sobre a modernização de Stalin. Se eu fosse Putin, reuniria o governo para assistir e discutir este filme. Isso mostra claramente como o país se uniu. Como sob as bandeiras do trabalho, da justiça e da amizade, ele venceu”

O presidente do Comitê Central do Partido Comunista da Federação Russa Gennady Zyuganov concedeu uma entrevista ao jornal russo Free Press neste domingo (5), data que marca os 70 anos da morte de Joseph Stalin.

Zyuganov falou sobre as três lições principais da era Stalin. “A primeira é o desenvolvimento avançado. A segunda lição é coesão e unidade, e a terceira lição foi a conquista da paridade estratégica”, disse o líder comunista.

“Stalin se foi, mas sua grande obra continua a viver em nossos corações, pensamentos e aspirações, em nossa memória histórica”, destacou o líder do Partido

Comunista da Federação Russa.

“Então, em março de 1953, o país mergulhou em luto por quatro dias. As pessoas choravam, sabendo muito bem que uma pessoa de quem dependia o seu destino, o seu presente e o seu futuro tinha falecido. A grande maioria do povo soviético não via Stalin – não havia televisão naquela época. Alguns liam sobre ele nos jornais, outros ouviam o rádio. Mas os cidadãos soviéticos entendiam perfeitamente que Stalin pensava e se importava com eles. E eles sentiam isso diariamente”, prosseguiu Zyuganov.

“Durante três dias e três noites, as pessoas foram ao Salão das Colunas para se despedir



de Stalin. Dos sete milhões de moscovitas, cerca de dois milhões chegaram lá naqueles dias. Todos se despediram –

fábricas e fábricas mergulharam em silêncio, concertos e apresentações pararam. O país lamentou a morte de seu líder”,

destacou o presidente do PC.

Reproduzimos a íntegra da entrevista por sua importância e atualidade.

ENTREVISTA COM GENNADY ZYUGANOV

Free Press: – Você mesmo se lembra desse dia?

- Sim. Eu tinha oito anos de idade. Meu pai colocou um jornal sobre a mesa com um pequeno retrato de Stalin em uma moldura de luto e disse: “Lembre-se, um homem faleceu, graças a quem sobrevivemos, vencemos e graças a quem todo o planeta foi considerado conosco”.

Anos mais tarde, quando o Gorbachev-Yakovlev-Yeltsin começaram a caluniar a grande era soviética, eu mais uma vez me volvei para os documentos. Pensei: todos estavam errados – aqueles que estavam próximos a ele, que sob o seu comando asseguraram a Vitória, que juntamente com ele construíram e defenderam a nossa grande Pátria?

E aqui está o que os documentos dizem. Cinco meses antes da morte de Stalin, em outubro de 1952, o XIX Congresso do Partido Comunista de Toda a União (bolcheviques) foi realizado. Estiveram presentes 43 representantes de partidos operários e comunistas estrangeiros. Outros 20 países foram forçados a limitar-se a receber mensagens, uma vez que a Guerra Fria já havia se desenrolado, e era simplesmente impossível para muitos virem ao congresso.

Devo dizer que foram saudações entusiásticas, desejos surpreendentes. Eles eram absolutamente sinceros, vindos do coração. Todos agradeceram a Stalin pelo exemplo soviético de cuidar do trabalhador, pela vitória sobre o fascismo, pela libertação do jugo colonial. Por lutar pela verdadeira liberdade, pela verdadeira democracia e por uma vida digna para os trabalhadores.

Gostaria que o nosso governo reimprimisse hoje estas respostas. E mostraria qual era a verdadeira atitude em relação a Stalin entre os mesmos europeus. Parabéns ao líder soviético vieram de 24 países europeus. Fiquei surpreso com a sinceridade e o entusiasmo com que se expressaram.

Hoje, europeus selvagens declaram guerra ao mundo russo – à grande cultura, nossas vitórias notáveis – e apoiam o nazismo e o banderismo. Tal falta de memória histórica e respeito é simplesmente incrível!

FP: – Como os contemporâneos falavam de Stalin?

- Tenho em minhas mãos o livro “Stalin” da série ZDL. Aqui estão as declarações de quase todos que o conheceram durante sua vida, entenderam

e sentiram profundamente o verdadeiro significado de suas atividades. Entre os autores dessas memórias, você não encontrará ninguém que blasfeme contra Stalin, questione a grandeza de seu legado. Além disso, a composição daqueles que falam sobre Stalin aqui é muito diversificada. De suas palavras, segue-se uma conclusão extremamente importante: a autoridade do líder soviético permaneceu consistentemente alta, mesmo nos tempos mais difíceis, quando a fé na viabilidade de nosso Estado foi submetida a um sério teste de força. Em tempos difíceis, quando o Exército Vermelho estava se retirando para Moscou, para o Volga, era possível se quebrar, entrar em pânico, dizer qualquer coisa. Mas não, nada disso aconteceu.

Li as memórias de Zhukov, Vasilevsky, Konev, Rokossovsky. Em nenhum lugar há uma palavra ruim sobre Stalin. Como nas memórias de Ivan Khristoforovich Baghramyan, que comandou a frente e libertou minha águia nativa, que é especialmente querida para mim. Eu pessoalmente me encontrei com Bagramyan e perguntei a ele sobre Stalin. Ele disse: “Stalin sempre ouvia, e se você insistisse – se você persuadisse, você tinha certeza – como regra, ele concordava. Ele foi muito simpático às nossas propostas específicas. E se ele dissesse, por exemplo, que deveríamos receber um corpo adicional, então eu tinha certeza de que receberia reforços a tempo”.

Hoje, quando há uma guerra contra o nazismo e o fascismo, quando estamos conduzindo uma guerra especial, a Operação militar na Ucrânia, é hora de reler Stalin e aprender com ele!

FP: – Como os estrangeiros tratavam Stalin?

- Churchill em 1918 pediu um cerco contra Lenin e Stalin, exigiu estrangular a República Soviética. Mas mais tarde, o mesmo Churchill deixou suas memórias sobre Stalin cheias de notas extremamente positivas. Falando sobre o líder do país soviético, ele admitiu: “mesmo eu, que fui criado no Parlamento britânico, não tenho nada para combater-lo com sua sábia lógica de ferro e sarcasmo”.

E leia de Gaulle – o mesmo grande elogio!

Em 4 de fevereiro de 1944, muito antes do fim da guerra, a revista Time reconheceu Stalin como o Homem do Ano. E o rei britânico George VI enviou uma espada gravada para a conferência em Teerã: “Aos cidadãos de Stalingrado, fortes como aço”. Esta é a mais alta avaliação da bravura do soldado soviético e seu Comandante-Supremo.

Muitas delegações estrangeiras vieram ver Stalin em sua última viagem. Para eles, o Teatro de Arte de Moscou foi o único do país que funcionou naquele dia. O público não conseguiu se acalmar por muito tempo, a performance quase quebrou, quase não foi possível encerrá-la. Foram sinceras condolências, um sincero desejo de continuar a grande obra de construção de uma sociedade justa e verdadeiramente progressista. A causa à qual Stalin dedicou sua vida.

FP: – Que lições devem ser tiradas do legado de Stalin?

- “Lançamos um documentário em várias partes sobre a modernização de Stalin. Se eu fosse Putin, reuniria o governo para assistir e discutir este filme. Isso mostra claramente como o país se uniu. Como sob as bandeiras do trabalho, da justiça e da amizade, ele venceu. Como um país que até recentemente não tinha produção em massa de aeronaves, carros e tanques, em 1941 tornou-se uma potência industrial – poderosa, tecnológica, educada e corajosa.

Hoje, **três lições** principais devem ser tiradas da política de Stalin.

A primeira é o desenvolvimento avançado. A modernização leninista-stalinista propôs um sistema socialista, uma ideologia comunista, alta espiritualidade e uma educação de alta qualidade. E tudo isso não é para alcançar o Ocidente capitalista, mas para se antecipar a ele! E a tarefa foi resolvida brilhantemente – à frente da Europa, à frente do Reich fascista!

A essência do desenvolvimento avançado foi expressa na taxa de crescimento da economia: 14% do crescimento do PIB em média por ano durante os 30 anos no governo de Stalin! A história da humanidade não conheceu nada assim. A economia, que cresceu a um ritmo tão fantástico, serviu não a um punhado de novos ricos, mas à sociedade. Para as mesmas pessoas que lamentaram Stalin em 5 de março e entenderam que o homem a quem eles devem tudo nesta vida havia falecido.

A segunda lição é coesão e unidade. As feridas da Guerra Civil – as feridas do confronto – não cicatrizaram por um longo tempo. Stalin foi um dos primeiros a entender isso. Ele apoiou todos aqueles que mostraram com segurança a tragédia desse confronto na literatura, no teatro, no cinema. E, ao mesmo tempo, fez tudo para dar à luz uma nova inteligentsia, uma nova geração de vencedores – pessoas capazes de defender o seu amado Estado e os interesses do povo trabalhador.

A principal coisa para Stalin sempre foi o homem de traba-

lho. Ele orgulhosamente usava a estrela de ouro do Herói do Trabalho Socialista. Quando o Presidium do Comitê Central do Partido Comunista de Toda a União (bolcheviques), por sugestão de Kalinin, o apresentou à estrela do Herói da União Soviética, ele repreendeu Kalinin. E ele disse, você não deveria ter feito isso! A decisão de premiar foi tomada, mas Stalin quase nunca usou a estrela do Herói da União Soviética.

E quando foi proposto estabelecer a Ordem de Stalin – uma amostra já foi trazida – ele olhou e disse: vamos premiar a Ordem de Lenin. Eu vi esse prêmio. Em l’Hermitage há uma seção fechada “World Awards” – lá encontra-se uma única cópia da Ordem de Stalin.

A unidade e a coesão, que foram fortalecidas na sociedade soviética, também se manifestaram ao alcançar aqueles que sofreram durante a transformação revolucionária do país. Regimentos e divisões de cossacos foram restaurados, direitos foram restaurados para aqueles que foram deskulakizados e encontraram-se no exílio. Em grande parte devido a isso, um único povo soviético foi formado e aceitou a batalha contra o fascismo durante a Grande Guerra Patriótica e venceu. Ninguém dividiu as pessoas em russos, ucranianos, bielorrussos, uzbecos, azerbaijanos. Todos lutaram pela Pátria, por Stalin – eles lutaram desesperada e bravamente.

Isto é o que Putin e Shoigu precisam aprender hoje. Para aprender, não para manter uma quinta-coluna em torno de si mesmo. Não houve sequer coragem suficiente para devolver Stalingrado ao seu verdadeiro nome heroico! Eles têm medo do grande feito do nosso povo. E sem respeito por este feito, sem o desejo de reavivar os principais valores e princípios sobre os quais a nação foi fundada, hoje é impossível vencer!

A terceira lição é a paridade estratégica. Quando Stalin faleceu já tínhamos armas nucleares e a tecnologia de foguetes estava em pleno andamento. Ele fez de tudo para fortalecer nossa segurança. Em julho de 1945, durante a Conferência de Potsdam, Truman anunciou que os americanos haviam testado armas nucleares. Então ele escreveu que naquele momento “nem um único músculo se mexeu no rosto de Stalin, pareceu-me que ele não entendia que a partir de agora haveria diplomacia nuclear, e nós ditaríamos os termos”.

Mas Stalin entendeu tudo perfeitamente. E já tinha entendido muito antes. Já em 1943, ele assinou quase mil documentos sobre a criação e desenvolvimento de armas de

mísseis nucleares. Em todos esses documentos havia um visto de Kurchatov – Stalin confiava na ciência, fazia de tudo para encorajar, recompensar e apoiar os cientistas de todas as maneiras possíveis. Porque o seu papel colossal no desenvolvimento do país, na garantia do seu futuro digno e seguro, não era apenas óbvio para o líder soviético. Foi uma das diretrizes mais importantes de sua política.

Kurchatov, Korolev e Keldysh são três gênios, graças aos quais ainda temos um potencial de míssil nuclear que nos permite repelir o ataque de qualquer agressor. Eles foram encorajados e apoiados pelo Estado soviético. O mesmo Kurchatov faleceu aos 57 anos, tendo o Prêmio Lenin, quatro Prêmios Stalin, cinco Ordens de Lenin e sendo três vezes Herói do Trabalho Socialista. Foi assim que os méritos dos grandes cientistas foram reconhecidos – e como confiaram neles!

É hora de o presidente, o governo e Volodin e Matviyenko confiarem na grande ciência nacional, em nosso povo talentoso, e não apenas convidá-los para eventos oficiais de tempos em tempos! Qualquer decisão deve ser pensada e calculada – então a verdadeira paridade com nossos oponentes estratégicos será garantida, então começaremos a vencer e alcançar os resultados necessários!

FP: – Stalin estava preparando um substituto para si mesmo?

- Ele entendeu que era necessário fazer uma atualização no partido, e fez de tudo para isso. Ele preparou o turno, e com muito cuidado. Se olharmos para a última equipe de Stalin, o Presidium do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, veremos que ele foi eleito em 16 de outubro de 1952. Em seguida, 25 membros do Presidium foram eleitos, pessoas talentosas e progressistas foram introduzidas em sua composição. A propósito, 11 candidatos a membro do Presidium também foram eleitos. Entre eles estão Brejnev e Kosygin.

Mesmo assim, uma aposta foi feita em pessoas modernas que haviam passado pela guerra. A propósito, Kosygin, juntamente com Shvernik, estava envolvido na evacuação de empresas soviéticas durante a guerra. 1500 fábricas foram transportadas através do Volga – toda a civilização soviética! E em dois ou três meses, essas fábricas nos Urais, Sibéria e Ásia Central começaram a produzir as melhores aeronaves, tanques e armas.

Stalin apreciava os especialistas talentosos. Falando no plenário de outubro de 1952, cinco meses antes de sua morte, ele enfatizou: o Congresso do Parti-

Joseph Stalin (reprodução)

do correu bem, há unidade, mas alguns expressam discordância com nossas decisões. É necessário elevar o papel do partido, dos comitês partidários, fortalecer os laços com o povo, trabalhar nas massas do povo – tudo isso requer o influxo de forças jovens e novas no Comitê Central.

Acredito que Stalin não teve dois ou três anos suficientes para implementar plenamente as transformações necessárias e trazer à tona uma nova galáxia de pessoal líder. E a chegada ao poder de Khrushchev transformou a política em 90 graus. De fato, levou à traição dos grandes ideais da modernização leninista-stalinista.

E então os Yeltsins, Gorbachevs e Yakovlevs se comportaram como fantoches americanos que traíram o país e o partido abertamente. E eles simplesmente construíram a Rússia na cauda do Tio Sam.

Agora, 30 anos depois, as consequências dessa política traídoeira e repugnante são bastante óbvias. Todo esse bando de antissoviéticos russófobos foi incapaz de oferecer ao país qualquer coisa útil e promissora. Após a Crise dos Mísseis de Cuba, tornou-se óbvio para os americanos que tínhamos paridade com eles. Eles então criaram cerca de uma centena de instituições que desenvolveram planos para a destruição do nosso país. Eles começaram a formar uma quinta-coluna americanizada. Eles dependiam da lavagem cerebral através da guerra de informação, da ressuscitação de nazistas, fascistas, banderistas.

Hoje devemos entender que a era Stalin trouxe resultados notáveis. E a traição e destruição de seu legado levaram à desintegração do país e à atual agressão do Ocidente globalista contra nós. Hoje, os anglosaxões decidiram afirmar seu ditado global – um campo de concentração digital eletrônico, que será pior do que o de Hitler. Ele não escondeu que iria nos destruir – isso foi diretamente declarado nos planos de Barbarossa, Ost, Hunger. Hoje, os seguidores dos fascistas na América e na Europa declaram abertamente a mesma coisa. Eles nem sequer consideram necessário mascarar seu desejo de destruir o mundo russo, liquidar a civilização russa! E eles afirmam explicitamente que seu principal objetivo é precisamente esse.

Eles não vão conseguir! Mas o atual governo deve se lembrar: os comunistas derrotaram o fascismo. Dos sete milhões de soldados que lutaram contra Hitler e seus comparsas, 3,5 milhões eram comunistas. E os demais eram membros do Komsomol e apoiadores convictos do poder soviético – mesmo que não tivessem carteiras do partido e do Komsomol.

Nossa tarefa agora é fazer tudo para combinar a ideia russa, o patriotismo popular com a justiça soviética. Então novas vitórias virão.

Curvando-me à abençoada memória do grande líder, cujo coração parou de bater há 70 anos, apelo mais uma vez a uma avaliação verdadeira e justa da nossa história. Devemos tirar três lições principais da grande era Stalin: unir-nos e conquistar uma nova vitória sobre o nazismo, o fascismo e o globalismo americano.

Com informações de Free Press